

Manuel Joaquim Rodrigues Fitas

***Seara Nova* – Tempos de mudança... e de perseverança
(1940-1958)**

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS

2010

Manuel Joaquim Rodrigues Fitas

***Seara Nova* – Tempos de mudança... e de perseverança
(1940-1958)**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
História Contemporânea

Orientadora:
Professora Doutora Maria da Conceição Meireles Pereira

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS

2010

À Professora Doutora Maria da Conceição Meireles Pereira,
À Joana, ao Diogo e ao Rodrigo.

RESUMO

A análise da revista *Seara Nova*, no arco cronológico (1940-1958), constitui o objecto deste trabalho. A conjuntura política nacional e internacional em mutação reflecte-se, inevitavelmente, na orientação da Revista que, através dos seus conteúdos, vai proceder a ajustamentos quer para ultrapassar problemas impostos pela censura, quer para se manter actualizada face a outra imprensa que, em concorrência e recentes no mercado, assimilaram uma postura activa mais condizente com a actualidade.

Até que ponto a *Seara* vacilou em relação ao seu programa inicial (1921) face aos condicionalismos já referidos e ao afastamento dos seus principais doutrinadores - António Sérgio e Raul Proença - é o objectivo deste nosso trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Seara Nova

Cultura portuguesa

Oposição cultural ao regime salazarista

Censura

Revistas culturais

Intelectuais

ÍNDICE

RESUMO

INTRODUÇÃO	7
1. A SEARA NOVA – DA FUNDAÇÃO ATÉ 1958	15
1.1 De 1921 a 1939 – O período mais doutrinário da Revista	15
1.2 Os conturbados anos 40 e 50	18
1.3 A acção dos intelectuais e a censura	22
1.4 O Corpo Directivo	29
2. A SEARA NOVA, DA SAÍDA DE ANTÓNIO SÉRGIO AO FINAL DA 2ª GUERRA MUNDIAL	31
2.1 A polémica retirada de António Sérgio	31
2.2 O Estado Novo sob os efeitos da 2ª Guerra Mundial	33
2.3 A geração do neo-realismo – o primado da arte militante	35
2.4 A polémica entre Mário Dionísio e João Pedro de Andrade	45
3. A SEARA NOVA DO PÓS-GUERRA ÀS ELEIÇÕES DE 1949	48
3.1 O contexto histórico e cultural	48
3.2 O primado do político sobre o cultural	49
3.3 Actualidade política e a participação dos <i>seareiros</i> no MUD	50
3.4 O entusiasmo pela cultura francesa	53
3.5 Materialistas e Idealistas em confronto	55
3.6 A Ciência e a Educação	59
4. A DÉCADA DE CINQUENTA, “OS ANOS DE CHUMBO”	62
4.1 O contexto histórico e cultural	62
4.2 A efeméride e a memória – O influxo político-doutrinário	64
4.3 Dissensões internas em vésperas de novas mudanças	68
CONCLUSÃO	71
FONTES E BIBLIOGRAFIA	75
ÍNDICE DE ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a análise da Revista *Seara Nova*, fundada em Lisboa em 15 de Outubro 1921, no período de 1940 a 1958. Nos primeiros anos da sua existência (1921-1926) a *Seara Nova* foi fortemente moldada pelo perfil intelectual dos seus mentores – Raul Proença, Jaime Cortesão e António Sérgio –, sendo esse mesmo período considerado “o mais alto da *Seara*, em termos de prestígio, força, qualidade e originalidade da mensagem emitida” (BAPTISTA, 1985: 27).

Ora, como seria de esperar, o regime ditatorial de Salazar acabaria por influenciar o rumo da Revista, nomeadamente com a saída dos seus directores para o exílio, o que perspectivou uma ruptura na sua linha orientadora, agravada pela censura prévia, instituída pelo governo da Ditadura Militar, em 1926, e confirmada pelo Estado Novo, tendo sido criadas comissões de censura, em Lisboa, Porto e Coimbra.

A Constituição de 1933 institucionalizou o seu exercício e os Decretos, nº 22 469, publicado no mesmo ano e nº 22 589 de 1936, regulamentaram e determinaram a sujeição de todas as publicações à Censura Prévia. Esta investigação pretende mostrar as principais linhas de pensamento em confronto e as propostas de intervenção das elites culturais plasmadas na revista *Seara Nova*, nos anos 40 e 50.

O estudo de uma revista com as características da *Seara Nova*, “doutrinária e crítica”, que reflecte nas suas páginas a ideologia do grupo que a dirige e lhe confere identidade, afigurou-se-nos um desafio pertinente pela diversidade e profusão dos assuntos abordados. É de inegável interesse o estudo do período daquelas duas décadas, pelas modificações decorrentes das convulsões políticas e sociais, pelas novas correntes de estética e de pensamento que se vão afirmando, muitas vezes traduzidas em vivas e fecundas polémicas, apesar do controlo ideológico do regime, mas que encontraram nas páginas da *Seara Nova* acolhimento favorável e lhe marcaram o rumo.

Por outro lado, o prestígio granjeado pela Revista, nas décadas precedentes, aliado a uma sobrevivência longa, merece que nos detenhamos no seu percurso, e mais concretamente, no período balizado.

Numa linha mais abrangente, convém realçar que a imprensa periódica até ao advento de outros órgãos de informação (como a televisão) constituiu o palco privilegiado do pulsar da vida social, cultural e política com ampla influência no seio da opinião pública, ainda que o número de leitores destas revistas culturais fosse limitado.

Por este facto, não admira que a imprensa fosse alvo da atenção por parte do poder político que lhe limitava a acção, através de sanções que poderiam ir desde a suspensão temporária, como a *Seara Nova*, ao encerramento compulsório, como o *Diabo*, *Sol Nascente*, *Síntese* e *Cadernos da Juventude*.

Assim, a veia censória do regime limitou e condicionou as publicações, levando, mesmo, à autocensura por parte dos seus autores que, como não sabiam o que seria publicável, por um lado desenvolviam estratégias para escaparem, com êxito, à arbitrariedade dos censores, por outro não arriscavam a escrever sobre tudo o que desejariam.

Por nos parecer bastante importante para a compreensão do contexto em que se moviam escritores e as próprias publicações, achamos pertinente abordar, num ponto deste trabalho, alguns aspectos que rodearam a institucionalização e a acção da censura.

Se de facto existiram periódicos de índole cultural contra a situação, a maioria defendia a visão orgânica, tradicionalista e anti-parlamentar, como as revistas *Nação Portuguesa* (1914), *Fradique* (1934), *Ocidente* (1938), *Atlântico* (1942), *Cidade Nova* (1949) e *Tempo Presente* (1959), entre outras, e que, através do apoio financeiro do Estado, sobreviviam sem dificuldades, prolongando os seus títulos por vários anos.

As aspirações pessoais alicerçadas em convicções ideológicas diferentes, indiciando ou estimulando novas correntes de pensamento e criação, reflexo das transformações políticas, culturais e sociais, provocaram discursos arrebatadores que confrontavam o colectivo, dividiam sectores, procurando, cada um dos grupos, afirmar e hegemonizar os seus enunciados, “com um sentido de sistema ou com a sua rejeição, eclética ou anti-racionalista, com uma leitura própria da história e da cultura nacionais” (ANDRADE, 2003: 15).

Isto significa que a maioria dos intelectuais, no início dos seus percursos, como escritores, ensaístas, críticos, passava pela colaboração em páginas, suplementos, jornais e revistas culturais, só mais tarde, alguns, publicavam os seus livros, o que revela a importância da imprensa periódica para os autores em início de carreira, ao mesmo tempo que se afirmavam na vida cultural e cívica. Neste quadro, o artigo publicado nas revistas de que eram redactores e colaboradores converte-se em instrumento privilegiado de intervenção crítica e divulgação doutrinária.

O papel do intelectual, redefinido desde finais do século XIX, aquando da questão Dreyfus, tornou-se, assim, cada vez mais relevante. Empenhado civicamente em

questões ideológicas, éticas ou morais, assume-se dinamizador e catalizador de ideias na sua dupla asserção: o intelectual de direita, restaurador dos valores da tradição, ordem e nação, e o intelectual de esquerda na defesa do universalismo humanista, dos valores de democracia, liberdade, justiça e direitos humanos (RAMOS, 1999: 281-282).

O *corpus* deste trabalho incide sobre o arco cronológico 1940-1958, período em que a *Seara* recebe duras críticas à sua orientação, quer externas quer provenientes do seu interior e que provocaram hesitações na prossecução do ideário *seareiro*, já sem as suas principais figuras tutelares, exiladas, falecidas ou em ruptura com as linhas de acção da revista como foi o caso de António Sérgio, em 1939. O impacto que tal facto terá provocado, levou António Rafael Amaro a afirmar “que a saída de António Sérgio, bem como a emergência de um importante leque de acontecimentos nacionais e internacionais que marcaram o final da década de trinta, fizeram com que, naturalmente, a *Seara Nova*, apesar de continuar a reivindicar o seu rico património inicial, mudasse” (AMARO, 1995: 17-18).

A escolha deste período para análise justifica-se, também, pelo facto de não existirem estudos consistentes sobre a *Seara Nova*, para além de 1939, e, em Portugal e na Europa, assistirmos a convulsões e transformações sociais, políticas e culturais como consequência da 2.^a guerra mundial.

Já a escolha do ano 1958, como limite do estudo, assenta num conjunto de situações que provocaram alterações no seio da Revista, desde a mudança de elementos da Direcção que culminaram numa *Seara* renovada, com aspecto gráfico diferente e novos colaboradores, em Janeiro de 1959¹.

A natureza deste trabalho exigirá, também, a abordagem de momentos precedentes e posteriores, a fim de se assinalarem as linhas de continuidade e/ou de ruptura.

Há autores que periodizaram a vida da *Seara Nova*, sob ângulos de análise diferentes: uns consideraram as mudanças políticas como essenciais, outros as saídas de elementos fulcrais na orientação ideológica e outros, ainda, associaram as duas causas,

¹ Os constantes desentendimentos com Luís da Câmara Reis, administrador/director, desde a fundação, assentes na possível má gestão e promiscuidade financeira entre os bens pessoais e os da *Seara* criaram um clima de mal-estar no seio de alguns directores e colaboradores, provocando dissensões internas, por meados da década de cinquenta, que resultaram no afastamento de Câmara Reis de funções capitais até à sua morte em 1961.

configurando uma “Seara igual, espigas várias”, segundo a expressão utilizada por Manuel Sertório².

A inclusão nas páginas da Revista da polémica entre José Régio e Álvaro Cunhal, em 1939³, que coloca em debate duas correntes estético-culturais, o presencismo e o neo-realismo, pronunciam o eclectismo que doravante a revista patenteia, contribuindo desta forma para o enriquecimento da história da cultura e das ideias sem, contudo, se afastar das posições contidas no seu programa inicial, publicado no número inaugural⁴.

É segundo esta perspectiva que nos propomos reflectir sobre possíveis mudanças na orientação editorial e avaliar os seus efeitos, tendo como pano de fundo, por um lado, a situação política limitadora das liberdades, e por outro a intensa actividade intelectual que encheu as páginas das principais revistas literárias da época que, como órgãos de opinião, travaram vivas polémicas, sem perder de vista a emergência de novos movimentos culturais.

Também as diversas valências a que a *Seara* deitou mão, como a actividade editorial, conferências, congressos, crítica literária e artigos de reflexão indiciam um dinamismo intelectual a que estaremos atentos.

Ao mesmo tempo, convém não perder de vista a mudança de paradigma do intelectual, no final da II Guerra Mundial que, segundo Edgar Morin, “assiste ao desmoronamento da ideologia – portanto do intelectual – de direita”, a favor “da hegemonia das ideias de esquerda entre os intelectuais” (MORIN, 1997: 177).

Uma vez demarcado o âmbito cronológico e temático, passaremos às questões essenciais do estudo. Como terá reagido a *Seara Nova* ao afastamento de Jaime Cortesão, Raul Proença (falecido em 1941) e António Sérgio, a elite fundadora da revista? Até que ponto a ausência destes nomes (sem dúvida, fortemente marcantes pela sua solidez intelectual e pelo forte cunho pessoal), provocou alterações qualitativas no comportamento da revista face aos novos acontecimentos políticos, ao endurecimento da censura e à política cultural do Estado Novo? Como reagiu o idealismo da *Seara*, de

² Manuel Sertório foi director-adjunto e editor da *Seara Nova* e escreveu o artigo “Seara igual, espigas várias”, no suplemento comemorativo dos 50 anos da revista, no número 1512, Outubro de 1971. Este artigo relata, sob a sua perspectiva, as várias fases da vida da Revista.

³ RÉGIO, José, “ Cartas intemporais do nosso tempo”. *Seara Nova*, n.º 608, 8 de Abril de 1939; n.º 609, 15 de Abril de 1939; n.º 611, 29 de Abril de 1939, e CUNHAL, Álvaro, “ Numa encruzilhada dos Homens “, *Seara Nova*, n.º 615, 27 de Maio de 1939. Esta polémica entre Régio e Cunhal prende-se com a questão da literatura; para Cunhal a literatura exprime uma posição política e social; para Régio a literatura não deve ter qualquer ligação com a política, não se deve submeter a ideologias, deve privilegiar a dimensão humanista da criação literária, com vista a atingir o absoluto (AMARO, 1995: 148).

⁴ *Seara Nova*, n.º1, 15 de Outubro de 1921.

raiz iluminista, proponente da reforma das mentalidades das elites, face a outras correntes emergentes de pensamento, que configuravam um *novo humanismo* (neo-realismo) e que exigiam mais acção?

No estado da arte, destacamos a obra de António Rafael Amaro, *A Seara Nova nos anos vinte e trinta (1921-1939): memória, cultura e poder*, que inequivocamente constitui uma análise profunda do percurso trilhado pela *Seara*, na defesa do ideal de sociedade, como alternativa reformista ao capitalismo liberal e ao socialismo colectivista (CATROGA, 1995:12).

Trata-se do trabalho mais extenso e analítico do percurso da *Seara*, desde a sua fundação, 15 de Outubro de 1921, até 17 de Junho de 1939, data da saída de António Sérgio da direcção da Revista.

Segundo Fernando Catroga, o estudo de Rafael Amaro reveste-se de grande importância para a história da cultura em geral, para a história das elites e para as correntes ideológicas que se formaram na primeira metade do século XX (AMARO, 1995: 11-12)⁵.

Fulcral para o presente estudo, este livro facultou dados preciosos sobre o trajecto da Revista: o elenco de directores, colaboradores e redactores; o idealismo filosófico e político; as polémicas em torno do ideário e novas correntes de pensamento, em suma, o filão necessário para a realização do nosso trabalho.

Numa outra perspectiva, são de considerar os estudos de Sottomayor Cardia que compilou textos da *Seara*, de diferentes autores e sobre várias temáticas, mas que abrange somente o período de 1921 a 1926, e de António Ventura que aborda as relações entre o nosso país e a Galiza, destacando o papel protagonizado pela *Seara*, bem como a componente estética nas páginas da Revista.

João Madeira, autor de *Os Engenheiros de Almas: O Partido Comunista e os intelectuais*, aborda questões prementes relacionadas com a época em apreço, o papel dos intelectuais, do Partido Comunista Português e da implantação da doutrina marxista, faz alusões à *Seara Nova* como a participação de alguns dos seus membros no M.U.D., as polémicas doutrinárias, a crença no universo simbólico e na missão do neo-realismo, por exemplo.

A iniciativa conjunta da Casa Museu Abel Salazar e Câmara Municipal de Matosinhos na realização de colóquios sobre a *Seara Nova*, em 1998, permitiu o

⁵ Cf. Prefácio de Fernando Catroga à obra de Rafael Amaro, *A Seara Nova nos anos vinte e trinta (1921-1939: memória, cultura e poder*”, p. 11-12.

aparecimento de duas publicações, coordenadas por Maria Luísa Garcia Fernandes e intituladas *Seara Nova – Razão – Democracia – Europa* (Actas do Colóquio realizado em 11, 12 e 13 de Março de 1998). Assim, sobre estética, ilustradores, ilustrações e aspectos da vida de Abel Salazar, surgiu o livro editado pela Afrontamento, em 1998; com a chancela do Campo das Letras foi publicado em 2002 o livro sobre o percurso ideológico político e cultural com textos da autoria de Fernando Rosas, Rogério Fernandes, António Reis, António Rafael Amaro, Fernando Catroga, Daniel Pires, entre outros.

Por último, Luís Augusto Costa Dias, numa edição do Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX (CEIS20), reproduz textos de uma jovem geração alinhada com o neo-realismo e que foram publicados na *Seara Nova*.

Ainda sobre a *Seara* e contexto cultural sobre a sua época merecem ser destacados os estudos contidos em obras de referência, como a *Segunda Fundação*, na História de Portugal dirigida por José Mattoso, volume VI, os textos de Rui Ramos, “A traição dos intelectuais” e “A Invenção de Portugal”; na *História Contemporânea de Portugal*, direcção de João Medina, vol. II, o estudo de Jacinto Baptista, “A Seara Nova, Raul Proença e António Sérgio”; no *Portugal Contemporâneo*, direcção de António Reis, volume 2, o capítulo de Carlos Reis, “A produção cultural entre a norma e a ruptura”, bem como as entradas referentes à “Seara Nova”, nomeadamente de António Reis e David Ferreira contidas no *Dicionário de História do Estado Novo*, dirigido por Fernando Rosas e J. M. Brandão Brito, e no *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, respectivamente.

Existem, também, outros trabalhos alusivos à *Seara Nova* que contêm análises para o período de 1921 a 1926. Estão, neste caso, os artigos “*Seara Nova: Os anos da República*” da autoria de António Reis, e “*Seara Nova e a Primeira República*” da autoria de Rogério Fernandes, ambos na *Revista Ideias e Doutrinas*. Sobre o conjunto das publicações periódicas, destacamos a obra de Clara Rocha, *Revistas Literárias do século XX em Portugal* e a de Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX*.

O lugar ocupado pela *Seara Nova* no panorama cultural português é de enorme importância e os estudos sobre a sua natureza, influência e o papel dos seus mentores e colaboradores não se esgota nos trabalhos já publicados.

Para o período entre 1939 e o 25 de Abril de 1974 não existem estudos consistentes de análise e crítica da *Seara Nova* (salvo algumas abordagens dispersas).

Assim, urge colmatar esta lacuna, de forma a completar o testemunho e o legado de uma das mais influentes e prestigiadas revistas do panorama cultural português, como se infere das palavras de Fernando Catroga no prefácio da obra de Rafael Amaro quando refere que ela “abriu um caminho, a que urge dar continuidade” (Amaro, 1995:12).

Estamos certos que a escolha do nosso tema e a delimitação da nossa baliza temporal será um contributo para colmatar essa lacuna.

O fundo documental em que esta pesquisa se apoia é naturalmente a própria *Seara Nova* (do n.º 647 ao n.º 1356/7/8), que compreende os anos de 1940 a 1958⁶, todavia, outras revistas coevas foram consultadas com destaque para a *Vértice* (1942-1958), Coimbra, que se constituiu como órgão “oficial” do neo-realismo português, facilitado pelo desaparecimento do *Diabo e Sol Nascente*, em 1940, periódicos também consultados, e um meio de oposição intelectual ao regime fascista. Influenciada pelo sector intelectual do PCP (Partido Comunista Português), a revista manteve uma certa abertura à colaboração de figuras de outros espectros político-culturais: colaboraram surrealistas como Cesariny e Alexandre O’Neill, ensaístas como Eduardo Lourenço e personalidades como Mário Soares ou Manuel Alegre.

Os suplementos comemorativos dos 25 e 50 anos da *Seara Nova*, que correspondem aos números 1000 e 1512 da Revista, respectivamente, contêm depoimentos de antigos colaboradores e de outros em exercício na época em estudo, que numa perspectiva individual relatam aspectos relacionados com o colectivo, constituindo uma visão panorâmica da vida da *Seara* de grande utilidade.

A natureza cultural deste estudo exigiu uma leitura dos textos *seareiros* com distanciamento cauteloso em relação aos conteúdos, polémicas, reflexões e interpretações dos vários colaboradores, devido ao seu carácter subjectivo e opinativo. Também as diversas correntes de pensamento, portadoras de estilos estético-formais diferenciados, disputando públicos e espaços de divulgação, encerram contradições que, por vezes, dificultam a captação das suas idiossincrasias.

Para enquadramento do panorama cultural e político, nacional e internacional, consultámos vasta bibliografia, aproximadamente, desde o início do século XX até ao dealbar da década de sessenta. A análise textual permitiu-nos observar inflexões ideológicas decorrentes das imposições do regime vigente, como a censura e tentativas de hegemonização de facções doutrinárias diferentes que coexistiam no seio da Revista.

⁶ Sempre que necessário serão consultados outros anos, quer anteriores, quer posteriores.

Finalmente, em termos de organização e gestão da informação, entendeu-se dividir o trabalho em quatro capítulos, tendo, cada um deles, uma breve contextualização histórica. No primeiro capítulo, apresenta-se uma visão panorâmica do percurso da *Seara Nova*, desde 1921 a 1958, acrescida de uma abordagem sobre papel do intelectual na sociedade e à censura; no segundo, analisa-se a existência da Revista sob o rescaldo da saída de um dos principais ideólogos, António Sérgio, até ao final do conflito mundial, e que nos pareceu o momento das grandes indefinições no rumo a seguir; o terceiro capítulo, que balizámos entre as grandes transformações políticas e sociais decorrentes do final da guerra até às polémicas eleições presidenciais de 1949 (com o candidato da oposição Norton de Matos), sendo aquele que, quanto a nós, é o período mais dinâmico, mais intervencionista, mais polémico da *Seara*, em matéria de luta antifascista e de defesa das liberdades cívicas e, a nível interno denota a luta pela implementação de ideários filosóficos e políticos por parte de grupos que lutavam pela hegemonia entre si na orientação e na linha de rumo a seguir; finalmente, um quarto capítulo referente aos anos cinquenta, em que a Revista atravessa um dos momentos mais críticos da sua sobrevivência, com periodicidade irregular, números menos extensos, além de dissensões internas que prenunciam o afastamento de Câmara Reis, director/administrador, desde a fundação, sobre quem recaem severas críticas relativamente ao seu modelo de gestão, afastamento que, aliás, vai conduzir a alterações significativas, quer editoriais quer gráficas, no início do ano de 1959, configurando uma nova fase da vida da *Seara Nova*.

1. A SEARA NOVA – DA FUNDAÇÃO ATÉ 1958

A vida de uma revista com a longevidade da *Seara Nova* atravessa, inevitavelmente, ao longo da sua existência, períodos de maior ou menor coesão em torno dos princípios ideológicos que nortearam a sua fundação.

Assim, ao longo de tão dilatado período de tempo, assistiu-se a uma evolução das linhas de orientação seguidas, umas determinadas pelas alterações surgidas no contexto político envolvente, outras ditadas pela influência de correntes de pensamento diferenciadas.

Pelas temáticas abordadas, o prestígio dos seus colaboradores e a forma polémica com que quase sempre intervieram, fez da *Seara* um dos principais órgãos de opinião que atravessou e influenciou sucessivas gerações.

1.1 De 1921 a 1939 – O período mais doutrinário da Revista

Fundada em 1921, numa conjuntura política atribulada, a *Seara Nova* tentou uma renovação política, ideológica e cultural da I República, depois de se terem desvanecido as esperanças na nova República pós-sidonista; os governos sucediam-se a um ritmo vertiginoso, acusados de “corrupção desenfreada, mediocridade de negociata infrene” (PIRES, 2000: 431).

As contradições do regime republicano português, no período que antecedeu o movimento militar de 1926, potenciaram o aparecimento de correntes culturais e doutrinárias. A experiência ditatorial de Sidónio Pais sensibilizou os movimentos democratas da necessidade de, em torno do debate de ideias, alterar o rumo dos acontecimentos que permitissem o desenvolvimento do País de forma progressista e moderna. Republicanos e monárquicos tentavam conquistar a supremacia no xadrez político, tal como se verificara aquando da primeira fase das lutas políticas e sociais decorrentes da implantação da República, em que o Integralismo Lusitano (1914) começava a cativar a juventude académica. Para além destas dificuldades de ordem política interna, acresce a situação da crise financeira e económico-social ditada pela Grande Guerra.

É nesta conjuntura que a *Seara* aparece determinada na defesa da República, condenando-a pelos erros e hesitações de alguns dos seus governantes, e esgrimindo argumentos contra as doutrinas integralistas e as teses realistas, assumindo-se como nuclear na estratégia de intervenção cívica, pedagógica e política, tendo como objectivo reformar as instituições republicanas, pretendendo salvar, desta forma, a democracia (REIS, 2003: 62).

António Sérgio, citado por Jacinto Baptista, traça o perfil da inteligência portuguesa na primeira metade do século XX, como sendo originária de um mesmo núcleo, a *Renascença*, que divergiu para ideologias diferentes: o anti-intelectualismo conservador e nacionalista de Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes e outros e o intelectualismo defendido por Jaime Cortesão, representado na Revista *Pela Grei*, de curta duração, e pela *Seara Nova*, que exprimiam o universalismo, a democracia política e social (BAPTISTA, 1985: 27-33).

A estratégia tinha como pano de fundo as concepções de inspiração anterior que punham em relevo o primado do espiritual e do cultural sobre as práticas correntes de fazer política, assente nas lutas partidárias e nos golpes militares.

Para tal, era necessário uma reforma da mentalidade da elite intelectual e a formação de uma opinião pública nacional, para em conjunto combaterem as correntes ideológicas da extrema-direita, o Integralismo Lusitano e a ameaça do fascismo já em ascensão na Europa, bem como o bolchevismo e o anarquismo de extrema-esquerda, se bem que, os seareiros se preocupassem mais com as primeiras.

A luta ideológica e política esteve presente nas páginas da Revista desde o primeiro número e, pela pena de Raul Proença, o principal orientador político, foram desferidos ataques aos republicanos de António Maria da Silva, aos republicanos da direita, à Cruzada Nun' Álvares e ao Integralismo (Ramos, 1994:547), que por sua vez ripostavam nas páginas dos jornais afectos às suas ideologias, como *A Monarquia*, *Reconquista* e *A Manhã*. Assim, a política constituiu um dos principais temas debatidos pela *Seara*, até à instauração da ditadura de 28 de Maio de 1926.

Ao papel relevante que a *Seara Nova* desempenhou de 1921 até à ditadura militar, e que constitui “ um dos mais notáveis movimentos de ideias que Portugal conheceu este século” (CARDIA, 1990: 76), sucederão, na década seguinte, dificuldades para enquadrar as gerações mais novas, portadoras de novos discursos que julgavam mais eficazes, face às convulsões, de vária ordem, que o mundo apresentava.

De 1921, ano da fundação da revista, até à instauração da Ditadura Militar, em 1926, o percurso da *Seara* não esteve isento de contradições.

A participação num governo minoritário presidido por Álvaro de Castro, em 1923, de António Sérgio na pasta da Instrução Pública, de Mário Azevedo Gomes na pasta da Agricultura e de Ribeiro de Carvalho no Ministério da Guerra, e que não teria as condições necessárias para a implementação das medidas que preconizavam, os vários entendimentos com os integralistas, a acusação de divulgarem uma doutrina demasiado abstracta e genérica, e a reivindicação de uma “ditadura – ainda que excepcional e pedagógica – à revelia das suas declarações de princípios” (PIRES, 2000: 452-453), constituem algumas dessas contradições.

No entanto, toda a doutrinação realizada através de debates, esclarecimentos e polémicas nas páginas da revista, foram feitos em liberdade. Devido à supressão das liberdades, após 1926, esses combates de ideias e a contestação política foram-se atenuando ou surgiram sob diversas formas.

Nos anos 30, segundo Piteira Santos, “a *Seara* é António Sérgio”. Este historiador caracteriza o período como sendo o mais profícuo em termos ideológicos. “A orientação da *Seara* define-se nos escritos que Sérgio nela publica”, provocando nas páginas da Revista vivos e interessantes debates (SANTOS, 1971: 16-17).

Mais liberta da conjuntura política, a *Seara Nova* abre as suas páginas à doutrinação idealista e, nesta linha, Sérgio procede à teorização do racionalismo idealista, da democracia e do cooperativismo, numa perspectiva de valorização dos factores económico-sociais em relação aos factores políticos.

O projecto reformista da *Seara Nova*, na perspectiva sergiana, enfrenta, logo em 1930, com José Rodrigues Miguéis, e nos anos seguintes com Bento de Jesus Caraça, um distanciamento crítico em relação às posições sergianas, perspectivado de um ângulo marxista, numa tentativa de hegemonização, à esquerda, da vida mental portuguesa.

Outra polémica, de igual teor, colocou frente a frente José Régio e Álvaro Cunhal, em 1939, que esgrimiram argumentos sobre o papel a desempenhar pela arte, descomprometida na óptica presencista ou politicamente comprometida na óptica neo-realista.

É, ainda, em 1939 que se dá a saída de António Sérgio, contribuindo, juntamente com as crónicas dificuldades financeiras, para uma certa descaracterização da revista, verificável nos seus conteúdos e apresentação gráfica, nitidamente mais pobres.

Em resumo, conclui-se que a *Seara Nova* representou, num período de cerca de vinte anos, em Portugal, “um importante espaço ideológico e cultural de reflexão democrática que pretendeu aprofundar e fundamentar a democracia e a liberdade em novas bases políticas e filosóficas” (AMARO, 1995: 115).

Foi, ainda, neste período, que todo o ideário político e filosófico, assente na tradição iluminista, cosmopolita e racionalista fez eco nas páginas da revista. O primado da cultura e da moral a que a vida política se deveria subordinar, constituiu a base nuclear de toda a acção dos seareiros, cientes que detinham a posse da razão e a eficácia das ideias.

1.2 Os conturbados anos 40 e 50

Na segunda metade dos anos trinta, acontecimentos internacionais e nacionais como a guerra civil de Espanha (1936-1939), a segunda guerra mundial (1939-1945), as primeiras crises do Estado Novo, os movimentos de oposição ao regime, e “em termos culturais e ideológicos, a crescente afirmação de concepções materialistas e marxistas da história, com bastante incidência, no caso português, em novas correntes artísticas como o neo-realismo, fizeram com que, naturalmente, a *Seara Nova*, apesar de continuar a reivindicar o seu rico património inicial, mudasse” (AMARO, 1995:17-18).

Os primeiros anos desta década, até cerca de 1943, foram para a *Seara* como que uma espécie de minimização dos efeitos causados pela saída de António Sérgio e de outros vultos, igualmente importantes, como Mário Azevedo Gomes, Agostinho da Silva, Castelo Branco Chaves e Álvaro Salema.

Na verdade, uma revista como a *Seara*, repentinamente, sem grande parte do seu escol intelectual, elementos nucleares do designado espírito *seareiro*, dificilmente poderia sobreviver sem o empenho de Câmara Reis que assegurou os destinos da Revista, desde a primeira hora e, em particular, desde o afastamento definitivo de Raul Proença, em 1931, por doença, até à sua morte ocorrida em 1961, face a problemas de ordem vária, desde logo financeiros, mas sobretudo os ataques cerrados desferidos pela concorrência de outras revistas que disputavam, entre si, o protagonismo ideológico⁷.

⁷ *O Diabo*, órgão afecto ao neo-realismo, nos números 288, 290, 313 e 314 de 30 de Março, 13 de Abril, 21 de Setembro e 28 de Setembro de 1940, respectivamente, enveredou por ataques à *Seara*, acusando-a de ineficácia na resolução dos problemas reais do povo.

A atracção que a *Seara* exerceu sobre a nata da intelectualidade portuguesa, sobretudo dos simpatizantes do neo-realismo, foi enorme, até meados da década de 40, não só pelo prestígio da revista, mas também pelo desaparecimento dos principais órgãos de comunicação, em 1940, que tinham acolhido as suas teorias, *O Diabo* (Lisboa) e *Sol Nascente* (Porto).

A presença de grupos que assimilavam várias correntes de pensamento foi sempre admitida na revista pelo corpo dirigente, desde que partidários, deixando a cada um a liberdade de pensar e agir independentemente de um programa imposto, embora existisse um conjunto de princípios dentro do qual todos se sentiam irmanados (BEIRES, 1971: 3).

Nos anos 40, sob o impacto da Segunda Guerra Mundial, começam a verificar-se, em Portugal, desequilíbrios económicos e sociais que abalaram a estabilidade do Estado Novo conseguida na década de trinta, consubstanciando aquilo que Fernando Rosas designou “da primeira crise séria do regime” (ROSAS, 1996: 417).

A acção das oposições ao regime só em finais de 1942, aquando da viragem da situação internacional, tem um papel actuante.

No campo cultural, desde a instauração da Ditadura Nacional, verificam-se duas concepções antagónicas: a produção cultural do regime assente em directivas programáticas e ideológicas levadas a cabo pelos seus órgãos e instituições e, do outro lado, movimentos de oposição que contrariavam essa ortodoxia, através de diversas áreas culturais: literatura, artes plásticas, cinema, etc. (REIS, 1996: 585).

O organismo estatal que maior acção desenvolveu em prol da cultura oficial do regime foi o Secretariado da Propaganda Nacional/Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SPN/SNI). Criado em 1933 teve como seu principal director, António Ferro (1895-1956), que desde a fundação até 1949, ano da sua saída, desenvolveu e deu corpo ao projecto cultural do Estado Novo, sob a designação de “política do espírito”.

As linhas mestras orientadoras da política cultural assentavam no binómio moderno e tradicional, sendo que esta última hegemonizou-se em relação à primeira. Assim, para as grandes massas, era necessário inculcar os valores tradicionais do povo português, um dos aspectos mais emblemáticos da política de inculcação de valores do Estado Novo, através do folclore, de concursos como o da “aldeia mais portuguesa de Portugal”, que simbolicamente representavam a pureza da vida rural em contraste com a vida urbana, palco de todos os vícios.

Para as elites intelectuais o SPN/SNI promoveu as artes plásticas e a literatura, através de exposições e encomenda de serviços para as obras públicas ou através da organização de concursos e atribuição de prémios. Contudo, começou a perder eficácia e capacidade de atracção a partir de meados da década de quarenta, sobretudo porque os intelectuais conseguiram outras alternativas de sobrevivência que os libertaram da dependência do estado, nomeadamente o aparecimento da Fundação Calouste Gulbenkian (1956).

Aqueles que conseguiam manter a sua independência e oposição ao Salazarismo faziam ouvir a sua voz, principalmente através das revistas culturais de reflexão ideológica e estética que, sem estarem livres da censura, e tendo uma circulação mais limitada, não sentiam os efeitos tão perversos como a restante imprensa e, dessa forma acolhiam textos de conteúdo ideológico.

A *Seara Nova* enquadra-se no perfil das revistas culturais, apesar de manter a designação de revista de doutrina e crítica, que nunca abandonou. Mas a partir de 1939, com a saída de António Sérgio, essa dupla asserção tem efeitos menos perceptíveis, o que levou Câmara Reis, principalmente em relação à doutrinação, a afirmar: “Faltamos no presente momento, porventura, doutrinadores da estirpe de Raul Proença e de António Sérgio. Mas será nossa a culpa se um morreu e o outro se afastou quando as nossas portas se lhe conservavam abertas? Afigura-se-nos que não” (Reis, 1949: 265).

A necessidade de uma mudança de ênfase, por razões que se inserem no espírito que se vivia na Europa, altera a feição mais idealista da *Seara*, acerrimamente defendida por Sérgio e Proença, e tem como finalidade a contestação do humanismo burguês de oitocentos, o socialismo utópico da Geração de 70, para mergulhar em novos horizontes estéticos, através de um conteúdo moral, filosófico e social.

Assim, a *Seara Nova*, no período que este estudo abarca, vai oscilar entre a linha ideológica dos seus fundadores, representada por Câmara Reis, que desde 1921 integra a direcção, e que a todo o custo pretende evitar que a Revista sucumba, procurando um equilíbrio em torno do ideário de intervenção cívica que a moldou; a corrente metafísica, representada por Santana Dionísio e José Marinho, que pretende transformar a revista num órgão de “pensamento puro”; e a influência marxista, mais isolada, que tem em Lopes Graça o seu principal impulsionador (MADEIRA, 1996: 212).

É, por conseguinte, esta disputa entre os diferentes grupos concorrenciais, favorecida pela conjuntura política, que vai animar as páginas da *Seara*, conferindo-lhe

um eclectismo que, para alguns críticos, é descaracterizador dos princípios modeladores que a notabilizaram, mas que a enriquece em termos de conteúdo.

Nos anos 50, a conjuntura política nacional e internacional ofuscam o papel das oposições, principalmente a não comunista, polarizada pelo Directório Democrático-Social, devido ao abrandamento da repressão policial, ciente que a divisão no seio dos opositores enfraquecia a sua acção, mas, também, devido ao surto emigratório e ao processo de desenvolvimento em curso que aliviava as tensões sociais (ROSAS, 1994: 518).

No plano cultural, o surrealismo e o existencialismo acolhem escritores oriundos do neo-realismo que, tendo contribuído largamente para a articulação dialéctica entre conteúdo e forma, entre assunto social e liberdade temática, entre estética marxista e vanguarda artística, abriu caminho para outras correntes mais propícias à liberdade espiritual, em que a literatura e a arte não são entendidas como fontes de actuação social, mas sim como libertação do desejo e da imaginação.

Pelo seu inconformismo, o surrealismo marca um distanciamento da segunda geração modernista, retomando o carácter libertatório e contestatário da primeira geração, representada no *Orpheu*.

As várias manifestações culturais de um país, em determinado período da sua história, não têm uma articulação unidireccional e inteiramente coerente, elas reflectem, sobretudo, contradições existentes no seio dos próprios movimentos, mas, também, reflectem a incompatibilidade de uma cultura saudável com uma situação política repressora e a diversos títulos obscurantista, que provoca, em alguns casos, desvios e atitudes de inércia difíceis de aceitar (REIS, 1996: 653-654).

Na *Seara*, o reflexo da crise que se estende até final dos anos cinquenta, traduz-se na publicação de números duplos, triplos e quádruplos, de reduzidas páginas, registando efemérides, como a morte de certas personalidades seleccionadas, e com escassos números temáticos⁸. A atenção dada à actualidade, apesar da repressão da censura, era diminuta e a Revista não conseguia apresentar periodicidade regular, sendo somente impressa, quando havia textos, sem critérios e planos definidos (PIRES, 2000: 487).

⁸ Alguns exemplos: *Seara Nova* n.ºs. 1240 e 1241, 1- 8-15 de Dezembro de 1951, edição dedicada aos Direitos do Homem; *Seara Nova* n.ºs 1266 a 1269, de 27 de Dezembro de 1952, edição dedicada a Jaime Cortesão; *Seara Nova* n.ºs. 1276 e 1277 de 17 de Julho de 1953, edição dedicada a Emílio Costa; *Seara Nova* n.ºs. 1299 e 1300 Setembro-Dezembro de 1954, edição dedicada a Almeida Garrett; *Seara Nova* n.ºs. 1305 e 1306, Maio-Junho de 1955, edição dedicada ao Brasil; *Seara Nova* n.ºs. 1307 a 1310, Julho-Dezembro de 1955, edição dedicada a Norton de Matos.

Para salvar a *Seara* da ruína gizam-se planos com vista à remodelação do elenco redactorial, bem como o afastamento de Câmara Reis, iniciando-se, desta forma, a quarta fase da vida da Revista (1959-1974)⁹, no rescaldo do fenómeno Delgado e que se pretendia mais rejuvenescida, indo ao encontro dos legítimos anseios da intelectualidade portuguesa (PIRES, 2000: 492).

1.3 A acção dos intelectuais e a censura

Segundo Rui Ramos, “A expressão ‘intelectuais’ designou os escritores e em geral os diplomados pelas universidades que, na primeira metade do século XX, procuraram influenciar o governo dos estados fundando-se na fama ou prestígio supostamente atingidos através de actividade literária ou científica” (RAMOS, 1999: 281).

Pode dizer-se que, entre nós, a chamada Geração de 70, de que Antero é a figura mais representativa, se enquadra nos pressupostos mencionados por Rui Ramos, ao sentir-se capaz de ultrapassar o conservadorismo cultural do país através de um empreendedorismo intelectual exaltado, capaz de mobilizar a nação e de a aproximar de ritmos de desenvolvimento cultural.

Politicamente, identificavam-se, quase todos eles, com a esquerda ideológica mais ou menos radical, até ao surgimento duma intelectualidade de direita, de inspiração francesa, no decorrer do primeiro quartel do século XX e identificados com a monarquia e o catolicismo (RAMOS, 1999: 282). No caso português, destacou-se António Sardinha, doutrinador do movimento Integralista Lusitano, talvez o único representante da linha conservadora com pensamento político estruturado.

⁹ Daniel Pires periodizou as fases da vida da *Seara Nova*, segundo critérios de ordem política e, também, segundo a permanência na Revista de figuras proeminentes. Assim, encontrou 6 fases que dividiu da seguinte forma: de 1921 a 1926 (1.ª fase), período da fundação até à instauração da Ditadura Militar, onde pontifica Raul Proença, versando temas da actualidade política; de 1926 a 1939 (2.ª fase), período já sob a Ditadura, com algumas indefinições sobre o rumo a seguir, resultantes da implementação de medidas governamentais, como a censura e onde predomina a presença de António Sérgio; de 1939 a 1959 (3.ª fase), período caracterizado pela ausência dos principais ideólogos da Revista, Raul Proença, falecido em 1941 e António Sérgio que abandona a Revista em 1939; por hesitações quanto ao ideário filosófico a seguir e pelo agravamento das dificuldades económicas e financeiras que colocam em risco a sobrevivência da Revista; de 1959 a 1974 (4.ª fase), período de profunda renovação na *Seara* a nível de conteúdos e grafismo, mas, também, da inclusão na redacção de novos elementos com sensibilidades ideológicas diferentes. A morte de Câmara Reis em 1961, provoca mudanças na direcção; de 1974 a 1979 (5.ª fase), período que acompanha a mudança de regime em Portugal com a respectiva inflexão partidária e que arrasta a Revista para a falência. Daniel Pires considera ainda uma 6.ª fase, de 1980 a 1984, para garantia do título, com a publicação de 4 números, um em cada ano.

Profissionalmente, a maioria exercia actividades liberais, trabalhavam no ensino particular, jornais, editoras e, também, em serviços do Estado, liceus e universidades. Nunca foram literalmente perseguidos e gozavam duma complacência por parte das autoridades governativas, excepto em situações consideradas subversivas, como incitação à revolta, alienação das massas, isto é, actividades que lesavam os bons costumes, a moral instituída e o bom nome das figuras ligadas ao regime.

O fervor intelectual que depositavam na defesa dos seus ideais doutrinários e militantes animaram as páginas de jornais e revistas, contribuindo para a definição de linhas de pensamento diversas, que influenciaram diferentes correntes políticas, sem contudo se apresentarem como verdadeiras alternativas à situação, porque não derivaram da reflexão construtiva nem do debate global sobre a realidade concreta.

O debate ideológico entre integralistas, de direita, a ala esquerda republicana e os grupos de literatos como a *Renascença Portuguesa* e a *Seara Nova*, são exemplos do que acabamos de referir que alimentaram e animaram o discurso das hostes intelectuais até ao advento da Ditadura Militar (1926), de forma empírica e com plena liberdade de acção.

Mais uma vez, neste período, se acentua o binómio decadência/regeneração, com cada uma das facções ideológicas a esgrimir os seus argumentos para superar as tentativas hegemónicas de outras tendências.

Nos primeiros anos da década de trinta, a crise das correntes tradicionais, integralistas ou liberais, dão lugar à emergência de outras correntes radicais, o modernismo e o fascismo, à direita e, à esquerda, o neo-realismo, como expressão cultural legal do comunismo (MADEIRA, 1996: 84).

O nosso estudo coincide com esta mudança de paradigma; o intelectual de esquerda, portador de um discurso, que ele julga adequado ao que observa em seu redor, numa altura em que os efeitos catastróficos da 1.^a Guerra Mundial e o clima da Grande Depressão submeteram de uma forma ou de outra, os países a um clima de ambiguidade político-ideológica.

A *Seara Nova*, ao longo do seu percurso, acolheu uma plêiade de intelectuais, quase sempre ligados às letras, ao ensino e ao jornalismo e com formação ideológica diferenciada, a sua maioria republicanos da ala mais socializante.

Mas o diálogo político dos intelectuais de esquerda durante, pelos menos, o primeiro quarto do século XX, foi enfraquecendo à medida que aparecia, na história do pensamento político da Europa, uma direita intelectual, de inspiração francesa,

decorrente da cisão verificada entre apoiantes e não apoiantes do célebre caso Dreyfus, em finais do século XIX.

Julien Benda, na obra *A Traição dos Intelectuais*, explica o papel do verdadeiro *clerc*, afastado das realidades terrenas (sendo que estas são da competência dos políticos), defensor da Verdade, da Igualdade e da Justiça, a sua intervenção valeria pela defesa de aspectos relacionados com a moral, a ética e a justiça, como o fizeram todos que abraçaram a causa Dreyfusiana, incluindo Benda. Qualquer outra função que mobilize a sua escrita e a sua acção será considerada traição. Segundo o autor, o que passou a acontecer foi que os intelectuais abandonaram o seu verdadeiro papel de pensadores livres, não resistiram à tentação, comprometeram-se com uma ideologia, rendidos aos interesses particulares em detrimento do universal.

Na verdade, a acção do intelectual moderno no mundo do pós-guerra, alarga-se. É solidária com a opinião argumentativa, reivindicativa, retoma, até, o compromisso político, rejeitando, por considerar ineficazes, moralismos só aceitáveis incluídos numa praxis, “para evitar degenerar em angelização” (WINOCK, 2000: 642).

A realidade portuguesa, na sua especificidade, revelou, a partir da década de 1940, este intelectual capaz de enfileirar nas hostes oposicionistas, como o MUD, movimento que contou com a presença de elementos da *Seara Nova*, como Mário Azevedo Gomes, Manuel Mendes, Fernando Lopes Graça e outros, e que durante alguns anos se movimentou de forma autónoma e actuante.

Para isso, os intelectuais portugueses, principalmente os que se encontravam ligados às artes plásticas, viram nas Exposições Gerais de Artes Plásticas, que se realizaram entre 1946 e 1956, a alternativa aos certames do Estado; já os que se dedicavam às letras, obtiveram para as suas obras o apoio da SPE (Sociedade Portuguesa de Escritores) que atribuía prémios literários subsidiados pela Fundação Calouste Gulbenkian.

No que diz respeito aos intelectuais da *Seara*, devido à longa existência da Revista, verificou-se uma convivência intergeracional. Ao longo de vários anos, focaram-se questões políticas e culturais integradas num conjunto de reflexões, artigos e comentários que provocaram, por vezes, fricções ideológicas e pessoais, mas também lhe conferiu dinâmica na discussão dos diversos pontos de vista, pondo em confronto várias correntes de pensamento, nem sempre de fácil conciliação, e seus reflexos na sociedade.

Na direcção da Revista estavam elementos que já tinham integrado o projecto da *Renascença Portuguesa*, Jaime Cortesão e Raul Proença, juntamente com Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Azevedo Perdigo, Câmara Reis, Raul Brandão e Francisco António Correia; mais tarde, em 1923, é admitido António Sérgio, todos eles com o perfil correspondente ao que vimos apelidando de intelectual.

Convém destacar a necessidade que os intelectuais tinham em constituir grupos com inequívocas afinidades, com reuniões de trabalho ou tertúlias que podiam ser no mesmo espaço físico, como o designado “Grupo da Biblioteca”, que deu origem ao projecto *seareiro*.

David Ferreira diz-nos que a Biblioteca Nacional era frequentada por elementos pertencentes a correntes políticas diferentes, mas que, quase todos eles, tinham como finalidade as relações pessoais com António Sérgio, Raul Proença ou Jaime Cortesão, este director da Biblioteca, de 1919 a 1927.

O grupo mais importante era, sem dúvida, o constituído por pessoas que iriam abraçar o projecto da fundação da *Seara Nova*. Jaime Cortesão granjeara um prestígio moral e político através da sua participação na Grande Guerra (1914-1918), como médico voluntário e, posteriormente, o seu livro *Memórias da Grande Guerra*, precioso documento histórico, ajudou a consolidar a admiração despertada.

Por isso, todas as decisões a tomar pela Revista, eram, em geral, no gabinete de Jaime Cortesão, e referiam-se a acontecimentos de carácter político, intelectual, social e artístico (FERREIRA, 1985: 305-313).

Ao longo dos anos, a *Seara Nova* reuniu um vasto leque de colaboradores com interesses em várias áreas, que se estenderam por vários domínios, desde o pensamento filosófico e científico ao da doutrinação política, do da literatura e crítica de arte à da reflexão pedagógica e à análise internacional juntando intelectuais de diversas gerações, como Raul Brandão, Jaime Cortesão, António Sérgio, Raul Proença, Rodrigues Lapa, Adolfo Casais Monteiro, António José Saraiva, Joel Serrão, Santana Dionísio, José Augusto França, e outros.

A articulação entre os intelectuais e a política, as vanguardas artísticas e a importância do pensamento científico numa sociedade em evolução, constituem questões centrais da cultura da 1.^a metade do século XX, e que a *Seara Nova* não descuidou, tendo-se empenhado, com vigor, através dum punhado de homens, com

vocação redentora, que dedicaram o seu esforço intelectual e cívico a tentar encontrar soluções em prol de uma sociedade mais justa, em busca de renovação.

O quadro político-ideológico no Portugal de Salazar condicionava a tarefa de todos aqueles que se dedicavam à vida intelectual, através de mecanismos repressores como foi a institucionalização da censura embora, como proferiu Carlos Oliveira, “não há machado que corte a raiz do pensamento”, os entraves fossem limitadores da transmissão clara das mensagens, num país pouco culto, historicamente pouco valorizador das questões culturais.

A institucionalização da censura, em 1933, com alterações em 1936 e 1940 iriam perdurar até 1974, apesar da alteração da designação, em 1972, para exame prévio, verdadeira operação de cosmética que o marcelismo ensaiou, mas que só o 25 de Abril de liquidou de vez.

Os prejuízos causados aos agentes da cultura pelos censores são incalculáveis se nos centrarmos nos investimentos que escritores e editores projectavam no seu trabalho. Depois do golpe militar de 28 de Maio de 1926, Gomes da Costa aprova o Decreto n.º 12839 de 5 de Julho de 1926, logo substituído pelo Decreto n.º 12008 onde se assegurava a liberdade de pensamento “independentemente de cauções ou censura”, ainda que se insista na proibição dos ultrajes às instituições republicanas e a quaisquer “actos atentórios da integridade e independência da Pátria” (AZEVEDO, 1999: 346-347).

A Constituição Portuguesa de 1933, publicada a 11 de Abril, sai ao mesmo tempo que o Decreto n.º 22 469. Enquanto que o artigo 8.º da Constituição estabelece um conjunto de garantias como “a liberdade de expressão do pensamento sob qualquer forma”, no art. 20.º, parágrafo 2.º, refere que “leis especiais regularão o exercício da liberdade de expressão do pensamento, de ensino, de reunião e de associação, devendo, quanto à primeira, impedir preventiva ou repressivamente a perversão da opinião pública na sua função de força social, e salvaguardar a integridade moral dos cidadãos...” (AZEVEDO, 1999: 349-350).

Segundo Cândido de Azevedo, o Decreto n.º 22469 procurou “legitimar a prática da censura prévia que vinha sendo exercida desde Junho de 1926”. Assim, o art. 2.º do Decreto n.º 22469 determina que “continuam sujeitas a censura prévia as publicações periódicas definidas na lei da imprensa, e bem assim as folhas volantes, folhetos, cartazes, e outras publicações, sempre que em qualquer delas se versem assuntos de carácter político e social”. Já o art. 3.º define os objectivos da censura prévia cuja

função será “impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade” (AZEVEDO, 1999: 352).

A 14 de Maio de 1936, através do Decreto n.º 26589, a fundação de jornais é regulada e proíbe-se a publicação de publicidade oficial (do Estado) em alguns deles, para que não seja o próprio Estado a financiar os seus inimigos, além de se proibir a entrada em Portugal de qualquer publicação que não fosse aceite pelos próprios critérios do governo português.

O Regulamento dos Serviços de Censura foi adoptado em Novembro do mesmo ano, mas não chega a ser publicado no *Diário do Governo*. Quem quisesse fundar algum jornal ou revista tinha, a partir de então, de requerer autorização da Direcção deste organismo, com todas as dificuldades e encargos inerentes, inclusivamente financeiros. Enquanto que, durante a Primeira República, os espaços censurados apareciam em branco, em sinal de censura, o Estado Novo tenta, de todas as formas, apagar esses sinais, obrigando os jornais a alterarem por completo a organização das páginas poucas horas antes de saírem. Acrescentando a isto tinham, por vezes, de apresentar provas à comissão de censura, pelo que a manutenção de um periódico tornava-se insuportavelmente dispendiosa para alguns editores que acabam por entrar em falência – asfixia financeira como forma de acabar com certas publicações periódicas - claro que as comissões de censura penalizarão especialmente os jornais mais rebeldes com este género de exigência. Em 1944, o organismo de censura passa a estar na dependência do Secretariado Nacional de Informação, que, por sua vez, estava sob a alçada do próprio Presidente do Conselho.

Munidos com o célebre "lápiz azul", com que se cortava todo texto considerado impróprio, os censores de cada distrito ou cidade, apesar de receberem instruções genéricas quanto aos temas mais sensíveis a censurar, variavam muito no grau de severidade. De facto, verifica-se que houve regiões do país onde estes eram mais permissivos e outras onde eram exageradamente repressivos. Isto devia-se ao facto de constituírem um grupo muito heterogéneo a nível da sua formação e competências intelectuais. Muitos reconheciam rapidamente qualquer texto mais ou menos "perigoso" ou revolucionário, enquanto que outros deixavam facilmente passados conteúdos abertamente subversivos.

Os livros não eram sujeitos a censura prévia mas podiam ser apreendidos depois de publicados, o que era feito frequentemente pela Direcção-Geral de Segurança que emitia mandatos de busca às livrarias. Os correios controlavam a circulação de livros. A Inspeção Superior de Bibliotecas e Arquivos proibia a leitura de determinados documentos e a Biblioteca Nacional continha obras listadas que não podiam ser lidas.

A substituição de Salazar por Marcelo Caetano prometeu alguma liberalização, mas pouco mudou. Uma das características que mais marcou a "evolução na continuidade" de Caetano, foi a alteração das designações: a Censura Prévia passa a designar-se Exame Prévio, a Polícia Internacional de Defesa do Estado passou a ser Direcção Geral de Segurança e a União Nacional, o partido único, passou a ser Acção Nacional Popular.

O medo de que não valia a pena escrever determinadas coisas porque poderiam não passar na censura condiciona a actividade dos escritores, que não sabem se as suas obras serão apreendidas ou não. Os jornalistas foram desde sempre uma das classes que mais sofreu com este género de autocensura, ao recair sobre eles a responsabilidade de que o jornal não atrasasse a sua tiragem por causa de alguma frase mal pensada ou temerária. Ferreira de Castro escreve, em 1945: “Cada um de nós coloca, ao escrever, um censor imaginário sobre a mesa de trabalho”.

Muitos foram os autores que viram os seus livros apreendidos ou foram presos, como Soeiro Pereira Gomes, Aquilino Ribeiro, José Régio, Maria Lamas, Rodrigues Lapa, Urbano Tavares Rodrigues, Alves Redol, Alexandre Cabral, Orlando da Costa, Alexandre O’Neil, Alberto Ferreira, António Borges Coelho, Virgílio Martinho, António José Forte, Alfredo Margarido, Carlos Coutinho, Carlos Loures, Amadeu Lopes Sabino, Fátima Maldonado, Hélia Correia, Raul Malaquias Marques, entre muitos outros.

Aquilino Ribeiro, por exemplo, viu apreendido o seu livro *Quando os lobos uivam*, de 1958. O regime considerava o livro injurioso para o Estado português, pelo que lhe moveu um processo crime que foi, entretanto arquivado, no âmbito de uma amnistia e depois de um movimento de apoio ao escritor por parte de intelectuais de renome estrangeiros, principalmente franceses, como François Mauriac, Louis Aragon e André Maurois. Por ocasião da sua morte, e em sequência de diversas homenagens ao escritor, a censura proibiu qualquer notícia referente as estes eventos.

Em 1965, a Sociedade Portuguesa de Autores teve a ousadia de atribuir o «Prémio Camilo Castelo Branco» ao escritor angolano Luandino Vieira, pelo seu livro

Luuanda. O escritor cumpria, na altura, uma pena de 14 anos de prisão, no Tarrafal, sob a acusação de terrorismo (lutava pela independência de Angola). As consequências imediatas foram a extinção da Sociedade, por despacho do Ministério da Educação, e a vandalização da sua sede em Lisboa.

A *Seara Nova* sentiu os efeitos da censura, logo em 1926, estando suspensa entre 12 de Agosto de 1926 e 14 de Abril de 1927, data do n.º 97, sendo a sua redacção alvo de inúmeras buscas. Em 1928, uma série de artigos escritos por Raul Proença, na sequência da publicação do livro de Julien Benda, *La Trahison des Clercs*, sobre o papel do intelectual na sociedade originou perseguições à *Seara Nova* como se infere das palavras de António Sérgio (no exílio) em carta dirigida a Sarmento Pimentel: “dos seareiros que estão em Portugal sabemos pouco. Só nos escrevem quando há portador seguro. A censura postal esmiúça tudo; umas vezes só viola as cartas; muitas outras fica com elas” (PIRES, 2000: 459).

No início da década de 40, o país entrou numa fase de obscurantismo cultural e a *Seara* era fortemente vigiada. Em 1948, de 26 de Junho a 11 de Setembro a Revista foi novamente suspensa.

No entanto, não foram exíguos os debates e as intensas polémicas sobre liberdade e autoridade, democracia e cooperativismo, sufrágio e a opinião pública. Os seus dirigentes encarnaram a figura do intelectual, protagonizaram a crítica lúcida e pertinaz dos males do regime, lutando pela regeneração do país numa clara atitude de oposição cultural ao regime.

1.4 O Corpo Directivo

Procurou, sempre, a *Seara Nova* incorporar no elenco directivo e na equipa de colaboradores elementos oriundos da nata da intelectualidade portuguesa, consubstanciando, desta forma, os desideratos que conduziram à fundação da Revista, isto é, reunir um escol intelectual que pretendia moralizar os actos políticos, bem como, através da cultura, criar uma opinião pública esclarecida.

O primeiro corpo directivo foi constituído por Raul Proença, Jaime Cortesão, Câmara Reis, Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Francisco António Correia, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, José Azeredo Perdigão e Raul Brandão.

Em 1923, em nome de uma maior unidade doutrinária, procede-se a uma renovação do elenco directivo, saindo Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, José Azeredo

Perdigão, Augusto Casimiro e Ferreira de Macedo e entrando António Sérgio, Mário Azevedo Gomes e Sarmento Pimentel, integrando os dois últimos a direcção em 1924.

Por último, verifica-se o abandono de Faria de Vasconcelos, em Março de 1925, entrando para o seu lugar Sarmento de Beires.

Com o exílio de António Sérgio, Raul Proença e Jaime Cortesão, na sequência do golpe revolucionário contra a Ditadura, em 3 de Fevereiro de 1927, o corpo directivo manteve-se intacto na coordenação das suas directrizes, apesar da distância geográfica.

Em 1939, a saída de António Sérgio e Mário de Azevedo Gomes, a morte de Raul Proença em 1941, e a ida para o Brasil de Jaime Cortesão e Sarmento Pimentel no início desta década, firmaram Câmara Reis como o principal orientador dos destinos da Revista, a par de José Bacelar que exerceu as funções de editor.

Até à renovação directiva em 1959, sobem de tom as críticas a Câmara Reis, que se manteve, tanto quanto possível, dadas as circunstâncias, fiel às linhas mestras do ideário delineado em 1921, tendo sido deliberada a admissão de Adão e Silva, em 1956, para assumir as funções de director-adjunto, até finais do ano de 1957, entrando para o seu lugar, em Janeiro de 1958, Manuel Sertório, que será simultaneamente, director-adjunto e editor da Revista.

2. A *SEARA NOVA*, DA SAÍDA DE ANTÓNIO SÉRGIO AO FINAL DA 2ª GUERRA MUNDIAL

2.1 A polémica retirada de António Sérgio

António Sérgio (1883-1969) constitui uma figura incontornável da *Seara Nova*, que sob a sua orientação atravessou um dos períodos mais profícuos em termos doutrinários mas, é já sem Sérgio na Revista que o nosso estudo principia. Tendo como mote o percurso da *Seara* sem a sua presença, a nossa análise testemunhou que a sua influência se estendeu pelos números seguintes, mantendo sempre viva a sua herança na afirmação do ideário seareiro, bem como, a de outro pioneiro da fundação, o igualmente lúcido e acutilante Raul Proença (1884-1941). Como principais dirigentes do *Grupo*, protagonizaram a defesa de uma sociedade democrática, crítica e tolerante, animando a República e lutando até ao fim pela sua regeneração.

Sérgio integrou o projecto da "Renascença Portuguesa", tendo publicado vários trabalhos de teor pedagógico, em publicações como *A Águia*, que abandonará em clivagem como idealismo e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes, para fundar, em 1918, a revista *Pela Grei*. Em 1923, ingressa na *Seara Nova* a convite de Raul Proença, mas seria na década de trinta, depois de um exílio de sete anos em Madrid e Paris na sequência da instauração da ditadura militar, em 1926, que a sua acção na *Seara* assume um papel preponderante. Nesta altura Proença, também ele regressado de França, encontrava-se já mentalmente perturbado.

A *Seara Nova* identifica-se com a “estratégia pessoal e política” de António Sérgio que vai aplicar os princípios do racionalismo idealista; a reflexão cultural de cunho universalista; uma interpretação histórica de fundamento socioeconómico; a doutrinação pedagógica com vista à criação de uma consciência cívica e democrática e a defesa, no domínio da ideação política económica e social, da prática do corporativismo (AMARO, 1995: 54).

Será o período mais doutrinário e idealista da *Seara Nova* que utilizará um “tom mais religioso, mais filosófico, mais alto”, não só por causa da censura e falta de liberdade, mas também como estratégia de “privilegiar a mudança estrutural das mentalidades ao combate político conjuntural” (AMARO, 1995: 55).

A existência de vários estudos e conferências¹⁰ sobre a *Seara Nova*, desde a fundação até 1939, ano da saída de António Sérgio, atesta a importância que a Revista adquiriu sob a orientação dos dois principais directores, enquanto veículo capaz de mobilizar a opinião política, *reformular* as mentalidades, que pretendia acima de qualquer interesse de poder, de classe ou de grupo ser um movimento de intelectuais, cumprindo a missão de defender os valores de cidadania democrática.

No dia 2 de Junho de 1939, António Sérgio apresenta o seu pedido de demissão¹¹. Segundo o próprio, as razões desta decisão prendem-se com incompatibilidades de ordem pessoal, administrativa e financeira, com Luís da Câmara Reis e ideológicas ocorridas com alguns redactores e colaboradores, a quem acusa de desvios e infracções ao espírito doutrinário preconizado pela revista¹².

Nas palavras de Sérgio, a má gestão administrativa e financeira da Empresa devem-se a “loucuras, imbecilidades, tortuosidades... cuja péssima administração tomou a Empresa de Publicidade *Seara Nova* escrava das piores e mais nocivas forças da finança” (PIRES, 2000: 471).

Numa outra perspectiva, António Rafael Amaro refere: “Há nas palavras de Sérgio, contudo, algum exagero. Pois, apesar das reconhecidas incapacidades administrativas de Câmara Reis, a verdade é que foi a ele... que se ficou a dever a continuação da Empresa e da revista. E, quanto ao facto de a *Seara Nova* se ter tornado escrava das forças da Finança, não passava de um certo empolamento da questão por parte de Sérgio; pois, o principal credor da Empresa era o próprio Câmara Reis, através da fortuna pessoal da esposa” (AMARO, 1995: 18).

Tais desentendimentos provocaram em Sérgio o desejo de fundar uma publicação, de acordo com o seu pensamento, e, para a qual, levaria prestigiados colaboradores (LAPA, 1939: 93).

Este interesse de abandonar a *Seara* e de fundar outra revista, por parte do autor de *Ensaio*, deve-se, segundo Rafael Amaro, a “divergências de projectos e de relações de poder no seio do grupo”, os quais explicam “a ruptura de Sérgio” (AMARO, 1995: 23).

¹⁰ Referimo-nos principalmente aos estudos de Sottomayor Cardia e António Rafael Amaro e à conferência promovida pela Casa Museu Abel Salazar e Câmara Municipal de Matosinhos, posteriormente editada em dois livros, coordenados por Maria Luísa Garcia Fernandes. Cf. bibliografia.

¹¹ *Seara Nova* n.º 618, de 17 de Junho de 1939.

¹² As referências que fizemos, no ponto 1.1, a Rodrigues Miguéis, Bento de Jesus Caraça, José Régio e Álvaro Cunhal são exemplos dos tais desvios e infracções a que se refere Sérgio.

Parece-nos, de facto, que, quer a administração da Revista, quer as divergências de projectos redundaram nas incompatibilidades entre Sérgio e a *Seara Nova*, percebendo que a Revista já não exercia atracção face a novas publicações, como o *Diabo* e *Sol Nascente*, com discursos mais mobilizadores.

Mais tarde, aquando da 2.^a edição, em 1949, do 1.^o volume de *Ensaio*, no póstico do livro e no prefácio, Sérgio acentua a sua mágoa em relação ao percurso seguido pela Revista, interrogando-se: “porque é que uma revista como a *Seara Nova* veio a dar no contrário do que foi outrora” (BAPTISTA, 1985: 30).

Foi, entre outros aspectos, a posição de António Sérgio, em discordância com o projecto *seareiro*, que nos abriu caminho para a análise da Revista, de forma a aferirmos as diferentes sensibilidades, ou não, em jogo. Acusada de monolitismo nos anos que precederam a sua morte, em 1969, Sérgio não assistiu à derrocada da Revista, em 1979.

Inequívoco é o cunho inconfundível que António Sérgio imprimiu à *Seara*, durante os cerca de 16 anos que se manteve vinculado à revista, “contribuindo, decisivamente, para o seu prestígio doutrinário, político, literário e até científico” (BAPTISTA, 1985: 32).

2.2 O Estado Novo sob os efeitos da 2ª Guerra Mundial

Os efeitos da guerra no Portugal de Salazar revestiram-se de algumas características que fizeram abalar as estruturas económicas e que tiveram consequências sociais e políticas.

A política de neutralidade não dava garantias a Portugal de não ser envolvido no conflito; a ameaça anexionista por parte de uma Espanha saída da guerra civil (1936-1939) com um regime apoiado pela Itália e Alemanha e simpatizante da política delineada pelas principais potências beligerantes, punha em causa a independência nacional e, necessariamente, a subsistência do regime.

Assim, a Portugal competia-lhe tirar dividendos que lhe proporcionavam a velha aliança Inglesa e a conjuntura económica favorável, principalmente a partir da queda da França, em 1940, que lhe permitiram trocas comerciais com os aliados e com o Eixo.

A política de neutralidade ganha forma porque nenhuma das partes quer a sua envolvimento no conflito, visto não haver interesses vitais em jogo; no entanto, há o risco, por vezes, de ser empurrado para a guerra, sempre que esta se desloca para o espaço atlântico português (TELLO, 1999: 159).

No plano interno, o ano de 1940 marcou o auge do poder de Salazar, expresso na comemoração do duplo centenário da independência nacional e da Restauração, através da monumental Exposição do Mundo Português que simbolizava a ideologia imperialista do Estado Novo.

As convulsões sociais, decorrentes da situação de penúria em que vivia grande parte da população portuguesa, ganham forma nos primeiros anos da década de 40, organizadas pelo Partido Comunista Português, constituindo as greves a manifestação desse descontentamento (ROSAS, 1994: 353).

O projecto cultural gizado pelo Estado Novo foi submetido aos imperativos políticos, condicionando a criação artística e literária, considerada nefasta para a coesão nacional.

O Secretariado da Propaganda Nacional, liderado por António Ferro, figura central da política cultural do salazarismo desde a década anterior, a quem competia o enquadramento ideológico da cultura, intitulada *política do espírito*, conciliava a estética moderna com os interesses do Estado, de forma a incutir na mentalidade portuguesa o amor à Pátria, assente no culto do passado glorioso dos seus heróis, na tradição, na ruralidade, nas virtudes da família e na alegria do trabalho.

A instituição da censura prévia, que submetia os autores portugueses a uma autêntica ditadura intelectual, constituiu um dos maiores entraves à liberdade criativa levando Mário Sacramento a proferir: “Não tendo podido afirmar-se, no plano ideológico, filosófico e político-social, em termos de linguagem directa, dados os óbices da Censura, ausência de jornais e revistas, impossibilidades de reunião e agrupamento, apreensão de livros, prisões arbitrárias, etc., etc., a minha pobre geração adoptou a literatura como sucedâneo desses meios de comunicação e diálogo com a realidade” (SACRAMENTO, 1975: 31).

Era a assumpção da cultura e, em especial da literatura, como meio de oposição ao regime que vai animar toda uma geração que começa a despontar e a ter consciência da necessidade de agir perante os acontecimentos que vão observando no País e no Mundo, no sentido de contrariar o monolitismo que se tinha instalado com os regimes autoritários.

2.3 A geração do neo-realismo – o primado da arte militante

A geração que chega à idade adulta, pelos anos 40, face aos condicionalismos da época, sentiu necessidade da procura de uma nova concepção do homem e da cultura. O homem recolhido na *torre de marfim* que defendia o primado do espiritual sobre o temporal não preenchia as exigências do momento histórico, na perspectiva do neo-realismo. Na verdade, as condições político-sociais de uma década marcada não só pela oposição entre fascismo e comunismo, a devastadora Guerra Civil Espanhola e o início da II Guerra Mundial, exigiam a uma nova geração de escritores e artistas uma maior intervenção cívica e cultural.

Este novo humanismo pressupõe é defesa e realização prática dos interesses reais e não abstractos ou imaginários do homem concreto, condena a separação do pensamento e da acção, porque a “acção sem a bússola da teoria é cega e a teoria desligada da prática é um aborto” (SOARES, 1947: 7).

Contra a posição metafísico-idealista, desligada da vida concreta, da produção material da sociedade, emergiu o intelectual com novos princípios de interpretação e valoração que se pronuncia sobre os problemas reais e colectivos e reivindica uma sociedade mais justa, democrática e tolerante.

A polémica entre as duas gerações desenrolou-se em vários quadrantes, no campo da arte, dos seus problemas estéticos, das suas implicações e repercussões sociais, conduzindo a um vigor polemístico nem sempre condizente com um salutar debate de ideias (GRÁCIO, 1946: 242)¹³.

A *Seara Nova*, consciente do papel renovador das mentalidades, consentiu nas suas páginas discursos inflamados sobre a querela neo-realista.

Inspirado pelas teorias marxistas do materialismo histórico e dialéctico divulgada nos meios políticos e intelectuais portugueses, em meados dos anos 30, o movimento cultural do neo-realismo começa a desenhar-se a partir de importantes polémicas literárias então publicadas em periódicos como *O Diabo*, *Sol Nascente*, *Seara Nova* e, mais tarde, a revista *Vértice*, que se opunham ao subjectivismo presencista, defendendo uma “arte útil”, virada para os problemas reais da sociedade.

¹³ Ver anexo n.º 1

Um dos grandes debates introduzidos pela estética neo-realista dizia respeito à dialéctica “forma” *versus* “conteúdo”, dando-se especial relevo à mensagem simples e directa comunicada pela obra de arte.

Esta questão foi abordada de modos diferentes por alguns dos intelectuais que pendiam mais para o predomínio da forma em detrimento do conteúdo, ou o inverso; Mário Dionísio, mais moderado, era defensor de um equilíbrio entre forma e conteúdo, talvez pela sua veia artística, já António José Saraiva, Álvaro Cunhal ou Rodrigo Soares eram apologistas de uma incidência mais conteudista.

Considerando a querela neo-realista mais como uma disputa no plano ideológico e filosófico do que no plano literário, Rosa Martelo citando José Gomes Ferreira refere que a literatura social tinha cabimento em publicações como a *Presença*, desde que não originasse renovação ideológica (MARTELO, 1998: 75).

Mário Dionísio, um dos representantes da nova geração, publica nas páginas da *Seara*, a partir do n.º 758, de 21 de Fevereiro de 1942, textos esclarecedores sobre a liberdade da arte e literatura, intitulados “Fichas”, culminando na polémica com João Pedro de Andrade, colaborador da Revista na rubrica de livros e teatro, acusado de idealista (DIONÍSIO, 1943: 249-252).

Não se intitulando nem sendo, na realidade, órgão oficial do movimento neo-realista, a *Seara Nova* teve um papel relevante no debate de ideias que o novo movimento proporcionou.

Foi, sobretudo, através da literatura e dos novos romancistas, que a *Seara* desenvolveu análises críticas, equacionando as querelas entre materialismo e idealismo, concepções sempre presentes na disputa dos princípios modeladores das correntes filosóficas em disputa.

Interessa, para o nosso estudo, aquilatar a importância que tais querelas trouxeram na definição de uma imagem renovadora que se pretendia mais dinâmica, e que alterasse, de alguma forma, o ideário filosófico, cunhado por Raul Proença, e sobretudo por António Sérgio, nas décadas anteriores, conjunturalmente diferentes.

É, assim, que interpretações sobre a ciência e o materialismo dialéctico configuram um quadro de análise mais condizente com o momento histórico e vai ao encontro das pretensões de um conjunto de colaboradores com formação marxista.

Menos doutrinária nos preceitos racionalistas/idealistas, imprimidos por Sérgio, a *Seara* granjeará a simpatia de todos quantos entendem a reforma da sociedade,

segundo princípios mais actuaentes, sublinhando os aspectos que poderão trazer as mudanças de uma forma mais imediata.

Assim, a preocupação com orientações económicas traduz a necessidade de criar as condições materiais favoráveis ao bem-estar do colectivo, sendo a ciência e a técnica vistos como o corolário desse desiderato.

As influências são várias, mas destacam-se a literatura de crítica social como *A Arte e a Vida* de Plekhánov, *A Crise do Progresso* de G. Friedmann, *A Condição Humana* de Malraux, ao autores americanos, Steinbeck, Hemingway, John dos Passos, etc., as obras dos brasileiros Jorge Amado, Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e Erico Veríssimo.

Interessa salientar que o neo-realismo, enquanto movimento literário, se inicia, ainda no consulado do chamado movimento da *Presença*, que se caracterizara por defender uma literatura individualista, subjectiva, com acentuada componente psicológica.

A polémica da “arte útil” ou “social” em oposição à “arte pela arte” não teve como ponto de partida críticas à qualidade da literatura presencista (são, aliás, recorrentes os elogios ao talento poético dos seus autores) mas influenciados pelos princípios do materialismo histórico, os neo-realistas consideravam crucial uma conjugação de forças com vista à transformação da situação social, política, cultural e artística que o país vivia.

Ramos de Almeida afirma mesmo que a *Presença* combateu a crítica laudatória e o eruditismo escolástico, introduziu em Portugal escritores como Gide, Proust, Joyce, Valery e até mesmo Dostoievski, e sublinhou a importância da obra da *Presença*, “Somos os primeiros a reconhecê-la quando a circunscrevemos dentro das suas próprias limitações, daquelas que por vezes os seus colaboradores se envaidecem de possuir” (ALMEIDA, 1945: 45-46).

Se o presencismo e o racionalismo idealista do grupo da *Seara* constituíram, a certa altura, as linhas mestras da vida cultural, a partir de meados da década de trinta, os fundamentos ideológicos caracterizadores do neo-realismo vão ser assimilados por uma geração que, segundo Jofre Amaral Nogueira, “tem que colocar de parte as concepções estáticas do mundo liberal e ser capaz de transformar a grande parte da sua subjectividade em objectividade do dia seguinte” (NOGUEIRA, 1938: 6-7).

As fortes convulsões políticas e sociais verificadas a partir de finais da década de 20 do século passado, tendo como origem a crise económica que afectou os Estados

Unidos e a Europa, impulsionou a emergência de novas correntes de sensibilidade e de gosto, cuja centralidade se direccionou para o homem concreto, enquanto actor privilegiado e detentor de mecanismos capazes de inverter o curso da história.

O movimento artístico e ideológico capaz de dar resposta aos problemas da vida social envolvente, o neo-realismo, ganhou forma, em Portugal, a partir de meados dos anos 30 do século XX, e constituiu um grito de revolta de jovens intelectualizados contra o regime fascista e, em termos estéticos e literários, contra o movimento da *Presença* que acusada de defender uma literatura individualista de forte carga subjectiva, logo afastada dos reais problemas que afectavam a sociedade.

A *Seara Nova* pretendendo ser, em primeiro lugar, uma publicação de “doutrina e crítica”, a actualidade política permanece durante muito tempo na ordem do dia, apesar dos ataques da censura, comuns a todas as publicações politicamente comprometidas, sobretudo a partir de 1935. O génio tutelar dos principais membros da direcção, tais como Jaime Cortesão, Raul Proença ou António Sérgio, é por todos reconhecido.

Deve sublinhar-se o papel precursor de *Seara Nova*, quer no plano político, no seu combate contra todas as formas de nacionalismo, quer no plano literário, quanto ao seu apoio à arte militante.

Mas não obstante o interesse, o papel, e até o impacto desta revista na vida intelectual portuguesa, ela não parece manter relações privilegiadas com o meio neo-realista que não irá inflectir a linha redactorial da *Seara Nova* a ponto de fazer da revista o porta-voz exclusivo do novo movimento, como acentua Carlos Reis (AMARO, 1995: 22).

Como já mencionamos, atrás, A *Seara Nova* inicia em Fevereiro de 1942 (n.º 758) a rubrica “Fichas”, da autoria de Mário Dionísio, que elabora uma série de artigos sobre os novos autores e as suas obras, teorizando acerca da forma como o neo-realismo se estava a desenvolver entre nós¹⁴.

Escritores como Soeiro Pereira Gomes, Jorge Amado, José Gomes Ferreira, Alves Redol, Manuel da Fonseca, foram alvo da crítica de Dionísio que dissertou, também, sobre arte francesa contemporânea e pintura¹⁵.

¹⁴ Mário Dionísio (1916-1993) colaborou na *Seara Nova* com regularidade entre 1942/1943.

¹⁵ *Seara Nova*, números 759, 761, 762, 765, 766, 800, 801 e 808 de 28 de Fevereiro, 14 de Março, 21 de Março, 11 de Abril, 18 de Abril, 12 de Dezembro, 19 de Dezembro de 1942 e 6 de Fevereiro de 1943, respectivamente.

Poeta, crítico, pintor, romancista e ensaísta, Mário Dionísio (1916-1993) desempenhou um papel importante na teorização do Neo-Realismo, movimento literário que, nas décadas de 40-50, assumiu, sob influência da doutrina marxista, uma dimensão ideológica e social, enquanto veículo de intervenção e de consciencialização, enfatizando o papel intervencionista e de compromisso dos seus autores, que adoptavam uma atitude de solidariedade humanista. No entanto, Mário Dionísio, apesar de simpatizante de uma arte com preocupações sociais, discordou de certas teses mais radicais sobre criação estética e a função social da arte que se estavam a generalizar, na senda do dogmatismo estalinista (LOPES, 2004: 308-309).

Assim, através de artigos e ensaios, conferências e debates realizadas em vários pontos do país, colaborou num esforço conjunto de popularização da cultura, de aproximação da arte ao público, de que resultou, por exemplo, a obra *A Paleta e o Mundo*, publicada em fascículos entre 52 e 62, constituída por uma série de lições sobre a arte moderna, em que pretendia articular, ao contrário dos neo-realistas militantes, a estética formal e os conteúdos ideológicos.

Na “Ficha 9”, Dionísio manifesta essas preocupações revelando que um artista tem que dar importância à técnica que desenvolve nas suas obras e afirma que: ”nenhuma obra de arte pode nascer, obra de arte autêntica e perdurável, sem que aquele que tem tendência ou temperamento artístico esteja na posse de uma técnica, o que é dizer: sem que aquele que tem temperamento artístico seja de facto um artista”¹⁶.

Interessa, sobretudo, sublinhar a tentativa de preservar um espaço que vinha dominando desde a sua origem e que, face às transformações político-sociais, a obrigava a proceder a ajustamentos temáticos, quer para “fintar” a censura, que a partir de 1936 adoptou uma censura de período de guerra, face ao posicionamento português perante os conflitos espanhol e europeu (BARRETO, 1999: 280), quer para contrariar as críticas de que tinha sido alvo, de ineficácia na resolução concreta dos problemas reais do povo português.

Assim, o encerramento, em 1940, dos principais órgãos divulgadores da mensagem neo-realista, *Diabo* e *Sol Nascente*, abriu espaço privilegiado à *Seara*, que vinha perdendo progressivamente a hegemonia no panorama cultural português, à medida que o seu projecto reformista, herdado da geração de 70, ia sendo contestado pela nova geração (AMARO, 1995: 143).

¹⁶ *Seara Nova*, n.º 801 de 19 de Dezembro de 1942.

Assiste-se, então, a um predomínio de uma doutrinação mais cultural, tendo como vértices dessa difusão, a arte, literatura e filosofia, sem contudo se verificar um afastamento das linhas programáticas originais, sobretudo a da orientação sergiana, atentamente vigiada por Câmara Reis (SANTOS, 1971: 17).

A literatura sobretudo nos géneros romance e poesia, vai animar as páginas da *Seara*, que através das rubricas “Livros” e “Crítica Literária” divulgavam novos e velhos prosadores ou poetas, configurando, desta forma, um eclectismo rejuvenescedor.

É assim que Adolfo Casais Monteiro define uma nova geração que desponta: “Começa agora a desenhar-se a fisionomia duma geração de poetas, cujas feições se podem já distinguir, embora ainda incertas, fora da sombra projectada pela geração que a precedeu”, numa clara alusão às mudanças de estilo e forma das novas composições¹⁷.

Também João Pedro de Andrade, crítico literário e de teatro da *Seara*, na análise do romance *Multidão*, de Leão Penedo, destaca o papel dos novos romancistas na renovação das letras e do próprio homem, referindo: “A opor-se a esta concepção do humano, que tem por fulcro o homem-indivíduo, ergue-se então outra que sobrestima o comércio dos homens e tem presentes as condições económicas, históricas e do país ou região em que eles vivem. É sobre esta última que se têm produzido ultimamente algumas obras que indicam uma renovação nas nossas letras”¹⁸.

Estes pressupostos citados por João Pedro de Andrade e que definem a concepção ideológica do neo-realismo, vão marcar, pelos menos durante a primeira metade da década de 40, a atitude da *Seara*, que através da crítica literária mantém o cariz político que sempre a moldou, mas revigorada e atenta aos movimentos coevos, que a nosso ver evitavam uma morte antecipada¹⁹, como aconteceu com a *Presença* (1927-1940), após a 2.^a série (2 números), em 1939, por insistir na defesa de uma arte

¹⁷ Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), *Seara Nova*, n.º 750 de 27 de Dezembro de 1941, p. 221-222, na análise dos poemas “Aviso à Navegação”, de Joaquim Namorado e “Beco”, de Sidónio Muralha.

¹⁸ João Pedro de Andrade (1902-1974), *Seara Nova*, n.º 768 de 2 de Maio de 1942, p. 186. Ensaísta e crítico literário é autor de *O Problema do Romance Português Contemporâneo*, edição da *Seara Nova*, 1942 e de *A Poesia da Moderníssima Geração*, edição da *Seara Nova*, 1943. Nos números 775 e 825 de 20 de Junho de 1942 e 5 de Junho de 1943, respectivamente, a *Seara* analisa estas obras, acentuando o interesse que o romance português e os novos romancistas e poetas têm na renovação das mentalidades e na visão de uma concepção renovada do homem e da sociedade.

¹⁹ Já António Rafael Amaro, no trabalho *A Seara Nova nos anos vinte e trinta (1921-1939): memória, cultura e poder*, p. 18, a propósito da saída de António Sérgio e dos acontecimentos nacionais e internacionais que abalaram o País e a Europa, refere que “se tal não tivesse acontecido, provavelmente teria desaparecido, ou, pelo menos, teria limitado o seu papel de intervenção cultural e política”, referindo-se à inclusão, nas páginas da Revista, de textos sobre novas correntes artísticas como o neo-realismo.

não directamente comprometida com os problemas sociais e políticos, princípio que sempre norteou a revista (ROCHA, 1985: 386-387).

Outras páginas determinantes e que reforçam a doutrinação neo-realista foram publicadas na *Seara*, como os da autoria de Rui Feijó²⁰, “Apontamentos sobre o neo-realismo”, e Armando Ventura Ferreira²¹, sobre os “Modernos Romancistas Norte-Americanos”.

Concordamos, pois, com Clara Rocha, quando afirma que “a *Seara*, do ponto de vista literário desempenha um papel precursor na doutrinação que há-de conduzir ao advento duma arte empenhada no final dos anos 30 e nos anos 40” (ROCHA, 1985: 374-375).

Esta temática já vinha sendo debatida na década anterior na Revista, então constituída por um grupo heterodoxo, sem a rigidez de uma disciplina ideológica sob a direcção aglutinadora de António Sérgio²², que afirmava, segundo citação de António Rafael Amaro, que na *Seara Nova* se praticava “a mais larga liberdade de discussão, e por isso publicamos artigos que não são de espírito seareiro (...) mas reservámo-nos sempre (como se sabe, e como é lógico) o direito de explicitar as nossas divergências em relação a esses artigos, sempre que tal cousa nos parecesse oportuno” (AMARO, 1995: 146).

Ora, o que nos parece evidente, é que sem a firmeza do magistério de Sérgio, a *Seara* incidiu sobre temáticas já debatidas, mas com um fulgor e continuidade jamais observadas em períodos anteriores.

Se a saída de António Sérgio “abriu um período de crise, de crises”, nas palavras de Piteira Santos, deve-se, sobretudo, a Câmara Reis, face a uma desesperada situação político-administrativa, “ter sabido criar as condições de continuidade e de rejuvenescimento que conduziram, com acidentes de percurso, à *Seara* dos nossos dias” (SANTOS, 1971: 17).

Segundo Rodrigues Lapa, entendeu-se por “condições de continuidade e de rejuvenescimento” a explanação de temáticas que vão ao encontro dos anseios das populações, diminuindo os abismos quase intransponíveis entre o agente e o objecto da

²⁰ Rui Feijó (1921-2008), *Seara Nova*, número 816, de 3 de Abril de 1943, p. 319.

²¹ Armando Ventura Ferreira (1920-1987), escritor, poeta, ensaísta foi colaborador da *Seara* na crítica de livros, a par de João Pedro de Andrade, *Seara Nova* números, 789, 793, 803 e 814 de 26 de Setembro, e 24 de Outubro de 1942, de 2 de Janeiro de 1943 e 20 de Março de 1943, respectivamente.

²² Referência a artigos publicados na *Seara*, por *presencistas* e neo-realistas que disputavam entre si os seus posicionamentos.

cultura, abismos que eram visíveis na *Seara* de outros tempos, através do chamado espírito de elite (LAPA, 1946: 82).

A admissão de redactores e colaboradores pertencentes a uma nova geração consubstancia, da mesma forma, essa continuidade e rejuvenescimento.

Outros assuntos que reforçam o predomínio da vertente cultural foram insertos com regularidade nas páginas da Revista. Assim, a partir de Julho de 1943, e ao longo de cerca de ano e meio, a *Seara* para aquilatar a importância do livro, o impacto sobre o leitor, editor e autor, publicou nas suas páginas, a rubrica “Inquérito ao Livro em Portugal”²³, entrevistando agentes envolvidos na indústria livreira, editores, distribuidores, autores, gráficos. Neste âmbito, foram ouvidos os editores/livreiros que se queixaram das dificuldades na obtenção de livros estrangeiros, da falta de traduções idóneas, dos obstáculos da censura e do custo dos livros.

Para os leitores, foi construído um formulário com cerca de 35 questões colocados em pontos estratégicos como a divulgação na própria Revista, na Feira do Livro de 1943, em Lisboa, distribuídos pelo correio ou entregues pessoalmente a conhecidos e desconhecidos, apesar de reconhecer que metade ou mais de metade da população não lia nem comprava livros.

As principais questões introduzidas no inquérito foram: que livros leu durante este último ano? Que impressão colheu deles? Lê obras modernas ou clássicas? De cultura ou ficção? Gosta de prosa ou verso? Frequenta bibliotecas? Oferece livros? A aquisição de livros tem representado sacrifício para a sua bolsa?

Os resultados não foram satisfatórios e a *Seara* apontou como causa primeira do insucesso o número de perguntas insertas no questionário que teria desmotivado os inquiridos, sendo apenas de dezasseis o número de respondentes. Esta escassez de respostas não permitiu, pois, aquilatar as preferências literárias de obras ou autores, correntes de gosto ou de crítica, embora a *Seara Nova* não tivesse a pretensão de “esgotar, isto é, levar aos seus extremos, qualquer dos problemas vitais do livro entre nós”²⁴, tinha a intenção de fazer a sua auscultação mesmo que não se chegasse a estabelecer diagnóstico.

²³ Ver anexo n.º 2, *Inquérito ao Livro em Portugal*.

²⁴ *Seara Nova*, n.º 829 de 03 de Julho de 1943, p.196.

Mesmo assim, analisadas individualmente, ofereceram tipos psicológicos e mentais diferentes, bem como tendências intelectuais e morais divergentes que retratam “um dado tempo de cultura ou de hábitos literários, e até sociais”²⁵.

A partir de Setembro de 1944, da autoria de Irene Lisboa²⁶, surgem compilações em livro dos referidos inquéritos, valorizando, desta forma, conteúdos que se revestiam de capital importância na acção doutrinadora e cultural da *Seara*.

Adriano Gusmão (1908-1989) é o crítico oficial da Revista em artes plásticas, a partir de 1942, comentando Exposições realizadas na SNBA (Sociedade Nacional de Belas-Artes), SPN (Secretariado da Propaganda Nacional), Ateneu Comercial e no Casino do Estoril.

Os artigos que assinou projectaram diversos pintores como Eduardo Malta, Mário Augusto, Acácio Lima, Eduardo Lapa, Maria Keil, Barata Foyo, entre outros. Visitas a museus nacionais e estrangeiros, análise de revistas de arte, e a vida e obra de grandes pintores como Velásquez constituíram, também, matéria para a elaboração dos seus numerosos artigos.

A *Seara Nova*, em 2 de Outubro de 1943, insere a segunda parte de uma entrevista realizada por Adriano Gusmão a Paulo Duarte (Delegado do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque), em que se afluam, subtilmente, questões sobre temáticas que, expostas de forma clara e directa, em artigos e ensaios, seriam censuradas: “Que aspectos de arte se podem prever dentro de uma sociedade com uma economia dirigida?” ou “Qual o destino que lhe parece dever tomar a arte dentro de uma sociedade planificada?”, abordam princípios políticos e económicos inerentes ao fascismo e às doutrinas com base marxista. As respostas dadas pelo entrevistado, subtilmente, revelam o carácter pernicioso dos regimes autoritários sobre toda a expressão criativa ao afirmar que “economia dirigida igual a liberdade dirigida; liberdade dirigida igual a pensamento dirigido; pensamento dirigido igual a arte dirigida”, insinuando mesmo que a arte social também é inimiga da liberdade de expressão, como se infere das suas palavras: “arte social é também a condenação da neutralidade em arte, do falso aforismo da arte pela arte, que serve mais para justificar a pusilanimidade dos artistas do que para caracterizar a arte”, ou ainda “no estado actual da humanidade, a arte é como certos animais incapazes de reproduzirem-se em

²⁵ *Seara Nova*, n.º 896 de 14 de Outubro de 1944, p. 107-109.

²⁶ Irene Lisboa (1892-1958), foi uma colaboradora assídua da *Seara Nova*, que assinou diversos trabalhos com os pseudónimos João Falco e Manuel Soares.

cativeiro” (GUSMÃO, 1943: 94-95). Desta forma, ao publicar esta entrevista, a Revista potencia a sua pretensão para a defesa dos valores de liberdade como condição básica da democracia, contra as doutrinas de cariz autoritário como o fascismo e o comunismo.

Para além da literatura e da arte, a *Seara* apresentou artigos sobre filosofia na secção “Problemas Morais e Filosóficos”, onde uma plêiade de colaboradores versou assuntos variados, com particular destaque para o editor da Revista, José Bacelar, que através das rubricas “Dissonâncias”, “Cartas Inconfidenciais”, “Aquário” e “Pró-Pátria”, destacou aspectos relacionados com a metafísica, ética, valor das ideologias e os grandes problemas do espírito, tão ao gosto do ideário filosófico da Revista e da ideia laica de construção de uma república de cidadãos esclarecidos.

Esta tónica do primado do espiritual sobre o material, que se constituiu num verdadeiro apostolado na década de trinta sob a égide de António Sérgio e que o colocou em divergência com Câmara Reis, culminando na sua saída a que aludimos atrás, mantém-se dentro das linhas editoriais da Revista, mas não em primeiro plano porque o contexto cultural e político mudara; agora é tempo de outros discursos mais actuantes, com outra capacidade de atracção²⁷.

É oportuno esclarecer esta dicotomia espírito/matéria, idealismo/realismo, porque é justamente em torno destes binómios que as grandes questões acerca do homem se colocam, quer elas sejam de natureza política, cultural ou económica, e, também, porque estes conceitos, provocaram oscilações na ideologia e ideário da Revista (AMARO, 1995: 26).

De uma *Seara* de vocação mais espiritualizada e idealizada, que procurava “realizar, portanto, o Reino do Espírito na terra” (AMARO, 1995: 84), segundo o conceito iluminista de que a Geração de 70 foi exímia representante, transita-se na década seguinte para uma *Seara* mais materialista e mais preocupada com o real, que vai mergulhar nos problemas concretos da vida, cuja prova são as variadíssimas temáticas de incidência cultural, mais doutrinária umas, e de incidência mais prática outras.

Estão, entre as primeiras, os textos literários de autores neo-realistas, a crítica teatral e musical e, entre as segundas, assuntos relacionados com saúde, agricultura e indústria da autoria de Ferreira de Mira.

²⁷ Referimo-nos ao neo-realismo.

2.4 A Polémica entre Mário Dionísio e João Pedro de Andrade

Esta questão que encheu páginas da Revista²⁸ com um debate vivo e acalorado representa o furor com que a sensibilidade neo-realista tentava sustentar as suas teses.

A *Seara*, como já mencionámos, aceitou que nas suas páginas se debatesse a nova corrente estético-cultural e, a partir de 1942, Mário Dionísio comenta literatura, arte contemporânea francesa e pintura, através da rubrica “Fichas”.

Nas “Fichas” 13 e 13A, Dionísio critica e acusa João Pedro de Andrade de idealista, sustentando-se nos opúsculos, por este publicados, *A Poesia da Moderníssima Geração – Génese de uma Atitude Poética* e *O Problema do Romance Português Contemporâneo*, editados, respectivamente, em 1943 e 1942.

O autor de *A Paleta e o Mundo* afirma que a concepção materialista da história e os fenómenos que lhe estão subjacentes é que determinam a acção do escritor: “Não se pode realmente chegar a captar a génese do fenómeno literário, quer num dado momento, quer na sua evolução histórica, sem um conhecimento, pelo menos relativo, da forma por que a humanidade se comporta na sua evolução, do movimento geral das formas de produção e complexidade das relações destas com os sistemas de pensamento” (DIONÍSIO, 1943: 250).

A arte e a literatura seriam, desta forma, o reflexo da marcha dos homens que, condicionados pela influência estratégica do evoluir histórico, impregnavam as suas obras das suas preocupações e anseios políticos e sociais.

O crítico João Pedro de Andrade pretendeu mostrar que a rendição a ideologias limitam o papel dos intelectuais e que “todo o autor que se abeira demasiado das ideias políticas, morais, religiosas, etc., nas figurações concretas que são os partidos, os grupos ou doutrinas, poderá interessar vivamente os seus contemporâneos, mas só poderá interessar os vindouros se para além das soluções imediatas pulsar na sua obra uma larga palpitação humana, e nesse caso interessá-los-á pela humanidade que pôs nas suas obras, não pelas soluções que nelas apresenta” (ANDRADE, 1942: 22)²⁹.

²⁸ *Seara Nova* números, 832, 833, 834 e 836 de 24 de Julho, 31 de Julho, 7 de Agosto e 21 de Agosto de 1943, respectivamente. Cf. Anexos 3, 4, 5 e 6.

²⁹ Citado por Mário Dionísio, *Seara Nova*, n.º 832, de 24 de Julho de 1943 p. 250.

Segundo Dionísio, Andrade era um idealista e pouco conhecedor do papel e importância dos autores comprometidos ideologicamente com a sua época, e que por isso, não entende a posição *dionisina*, defensora da condição comprometida da literatura com enfoque no mundo social e económico, sustentando com o seguinte excerto: “basta para isso que o romancista, sendo homem do seu tempo, não seja o propagandista dum sistema; pertencendo a um grupo social, não faça o jogo de uma seita; vendo de alto os acidentes que formam o panorama da sua época, não se aproxime deles a ponto de prejudicar a perspectiva” (ANDRADE, 1942: 23-24)³⁰.

Esta perspectiva de análise aponta para uma concepção mais liberta e subjectiva da realidade, contrapondo-se às teses do comprometimento da literatura com o social.

João Pedro de Andrade acusa Dionísio de lhe truncar transcrições para servir os seus fins, dando a entender que ele é um esteticista puro, quando, na verdade, não é um purista da forma, justificando em sua defesa, a afirmação que Casais Monteiro deu em entrevista ao *Diário Popular*, quando se referia aos seus escritos, que Andrade só via o social em arte³¹.

Parece-nos que existe algum exagero nas afirmações de Mário Dionísio em relação ao crítico que, já antes do início da polémica, declarara na *Seara Nova* o seguinte: “Converter todos os problemas humanos em problemas económicos não vale mais, no fundo, do que admitir como únicos inspiradores da arte e da poesia os chamados problemas eternos”, colocando-se numa posição de equilíbrio ajudando a atenuar a rigidez da estética marxista, de uma certa opacidade, que desenvolvia querelas entre conteudismo social e purismo artístico, para mais à frente prosseguir: “A irreverência da mocidade perante uma sociedade que ela considera cheia de vícios e defeitos não deverá transformar-se em intolerância futura”³².

Com efeito, João Pedro Andrade, que na *Seara* exerceu uma actividade profícua na crítica de livros e teatro, apresenta-se-nos como alguém equidistante das querelas partidárias, acentuando a tónica nas questões estéticas, mas não cometendo exageros no domínio destas sobre o conteúdo, e interroga-se: “Porque há-de o crítico considerar cada obra exclusivamente como fruto duma inspiração individual, ou, ao contrário, considerá-la exclusivamente como produto do sistema económico?... Assim entre dois

³⁰ Citado por Mário Dionísio, *Seara Nova*, n.º. 832, de 24 de Julho de 1943 p. 250.

³¹ João Pedro de Andrade, *Seara Nova*, n.º. 834, de 7 de Agosto de 1943 p. 286.

³² *Seara Nova*, n.º. 825, de 5 de Junho de 1943, p. 137.

fogos, o crítico só tem um recurso: afirmar cada vez mais a sua personalidade no terreno que escolheu, ou para que o seu temperamento o guiou”³³.

A não aceitação da “Ficha 14”, que daria continuidade à polémica, por parte da direcção da *Seara*, resultou no fim da colaboração de Mário Dionísio que não aceitou as imposições de Câmara Reis³⁴, e na edição, a expensas próprias, de um livro, onde defende as suas posições e desfere ataques às incoerências da doutrina seareira (DIONÍSIO, 1944: 9-10-11).

A atitude da *Seara Nova* perante este confronto ideológico vem, em parte, esclarecer os pressupostos modeladores da nossa tese, quando colocamos, como questão central, a possível mudança, ou melhor, as inflexões a que estaria sujeita a Revista. Por questões de sobrevivência colocou em destaque problemas prementes da sociedade, o que lhe teria granjeado simpatizantes, mas, e parece-nos o mais importante, deu continuidade à sua doutrinação, segundo o ideário seareiro, utilizando a colaboração e crítica literária como suporte difusor³⁵, o que a teria protegido da vigilância censória.

João Madeira considera esta polémica o reflexo da importância que os neo-realistas davam às suas posições políticas e ideológicas consideradas vanguardistas que, nos anos 40, se tornam na grande contra-cultura do salazarismo, em oposição a atitudes mais moderadas, como as defendidas pela *Seara Nova* sob a pena de João Pedro de Andrade e que gerou no seio da Revista um ambiente de rivalidade interna (MADEIRA, 1996: 199-200).

Em certa medida, julgamos que a frequência com que eram publicados textos alusivos ao movimento neo-realista na *Seara*, por esta altura, devido ao encerramento do *Diabo* e *Sol Nascente*, levou Câmara Reis a tomar uma atitude firme de não permitir que a Revista se identificasse com o movimento, com conotação marxista, mas disponibilizando as suas páginas, segundo a sua própria orientação, à divulgação de tais teses.

³³ *Seara Nova*, n.º 836, de 21 de Agosto de 1943, p. 317.

³⁴ Câmara Reis decidiu fazer cortes no texto enviado para publicação por aquele não estar de acordo com a orientação da Revista, chegando mesmo a publicar na *Seara* n.º 862, de 19 de Fevereiro de 1944, um esclarecimento em que dava nota das inconveniências, por parte de escritores e artistas, das respostas e comentários aos críticos da Revista e que, só em casos muito excepcionais, a direcção se afastaria deste princípio. Este esclarecimento vem no seguimento de três cartas enviadas à *Seara* por leitores e colaboradores da Revista a manifestarem o seu apoio às posições assumidas por Mário Dionísio.

³⁵ Clara Rocha em *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, p. 187, afirma que “a colaboração literária funciona muitas vezes como reforço dos textos doutrinários, uma vez que é geralmente «marcada», isto é, ideologicamente conforme com a linha e o espírito da revista”.

3. A SEARA NOVA DO PÓS-GUERRA ÀS ELEIÇÕES DE 1949

3.1 O contexto histórico e cultural

Após um período marcado por trágicos acontecimentos mundiais, com crises pontuadas pela depressão económico-financeira, pelos abalos sociais, pela escalada dos totalitarismos agressivos, a Europa do pós-guerra inicia a recuperação económica através do impulso do plano Marshall. A democracia instala-se nos países centrais, após a derrota do nazi-fascismo dos anos que vigorara entre os anos 20 e primeira metade de 40. A descolonização atinge várias zonas do globo com destaque para a independência da Índia, em 1948.

Na sequência das várias conferências que prepararam a paz, nasceu a ONU, no sentido de gerar uma nova ordem que viesse regular a vida internacional; a 10 de Dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que integrou, a partir daí, os documentos fundamentais das Nações Unidas. No entanto, a ameaça nuclear, que teve efeitos em Hiroshima e Nagasáqui, e o clima de “guerra-fria”, de confrontação bipolar, ideológica, política e estratégica entre as duas superpotências, EUA e URSS, donde resultou a divisão do mundo em dois grandes blocos, vieram contrariar, desde logo, os propósitos de paz e segurança internacionais.

Em Portugal e Espanha as ditaduras de cariz fascista mantinham-se. No caso nacional, nem a unificação de toda a oposição democrática no MUD (Movimento de Unidade Democrática), em 1945, nem a grande campanha em torno da candidatura do general Norton de Matos às eleições presidenciais foram capazes de derrubar a ditadura.

O regime não aceitara as chamadas “condições mínimas”³⁶ propostas pela oposição democrática para as presidenciais e Norton de Matos acabou por desistir da candidatura.

No domínio da arte e da literatura, a Europa e o Mundo assistem à divulgação de correntes de pensamento e movimentos artísticos como o neo-realismo, o surrealismo, o existencialismo, entre outros.

³⁶ Referem-se ao adiamento das eleições por 6 meses; atribuição de poderes constituintes à Assembleia a sair das eleições; garantias de liberdade de opinião, de reunião e de expressão; extinção do campo do Tarrafal, etc.

O neo-realismo sai prestigiado dentro do contexto do fim da guerra, embora esta corrente já viesse desde o início dos anos 30. A simpatia devotada aos russos pelo seu contributo no desfecho do conflito mundial, ajudando a liquidar o nazi-fascismo, dá novo brilho à matriz do materialismo histórico e dialéctico, em que assentam as suas preocupações essenciais.

Em Portugal, as condições socioeconómicas continuavam débeis, o país é essencialmente rural. O neo-realismo, cujas ideias estéticas já circulavam no país desde meados dos anos 30, encontra terreno fértil para a sua proliferação, aliada a uma menor vigilância dos órgãos repressores da liberdade, proporcionada pelo abrandamento do regime, no contexto do final da Guerra.

A Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA) modernizou os seus programas e realizou as Exposições Gerais de Artes Plásticas (1946-1956), em oposição às exposições do SNI (Secretariado Nacional de Informação) de António Ferro, onde predominava a pintura neo-realista. Algumas destas obras foram apreendidas em 1947, e os surrealistas, como forma de protesto, retiraram as suas obras (GONÇALVES, 1998: 64-66).

A criação do Coro do Grupo Dramático Lisbonense (1945), pelo compositor e maestro Fernando Lopes Graça que, neste mesmo ano, assume lugar destacado na redacção da *Seara Nova*, envolve a música neste surto neo-realista. Na literatura o aparecimento de obras neo-realistas continua e o final dos anos 40 trouxe, também, o fim da “política do espírito” e o declínio da política cultural do regime, com o afastamento de António Ferro.

3.2 O primado do político sobre o cultural

Segundo Daniel Pires, o ano de 1945 foi particularmente activo para a Revista. Desde alterações no corpo redactorial, apresentando Alberto Candeias como redactor principal, inclusão de novas secções como “Correio da Seara Nova”, privilegiando contactos com os leitores, e a incidência sobre temas políticos, com destaque para Antonino de Sousa que assinou vários artigos³⁷ fizeram com que a *Seara* se tornasse “um valioso documento” (PIRES, 2000: 477), de assumida expressão.

³⁷ Ver página 51.

A acção cívica e pedagógica que sempre norteou os princípios directores da Revista continua presente no espírito seareiro, com os temas sobre a política da actualidade na ordem do dia, favorecidos pelo clima de abertura que o final da guerra proporcionou.

Assim, a Política, a Educação e a Ciência foram assuntos intensivamente abordados, confirmando a importância destas matérias na afirmação das concepções políticas, filosóficas e pedagógicas desta prestigiada publicação, traves mestras do seu ideário, e que os seus responsáveis julgavam ser agora possível expor com mais clareza.

A influência do pensamento progressista francês abriu caminho para a marcha da cultura, da ciência e do humanismo e a *Seara* revelou um fascínio pela França renascida e pelos seus escritores, trazendo a lume inéditos de destacadas figuras da intelectualidade daquele país³⁸.

A colaboração de escritores neo-realistas ganhou novo fôlego e assistimos nas páginas da Revista à participação de Joaquim Namorado, Virgílio Ferreira, Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, João José Cochofel, entre outros, embora como é conhecido, estudos recentes tenham dificuldade em atribuir rótulos de forma simplista.

Constatamos, pois, que este curto período que se estende desde o final da guerra até ao termo da campanha eleitoral para as presidenciais em que se evidencia a candidatura do general Norton de Matos, constituiu um dos mais fecundos na vida da *Seara*, e que, apesar de ter estabelecido como prioridade a acção política mais imediata, nunca descuroou outras matérias, configurando um eclectismo temático e ideológico inexistente, ou melhor, menos evidente em épocas anteriores, em que pontificavam as figuras de Raul Proença e António Sérgio³⁹.

3.3 Actualidade Política e participação dos seareiros no MUD

As expectativas na implantação da democracia, na sequência da queda das ditaduras, animaram todos quantos se opunham, em Portugal, ao regime vigente, proporcionando os mais fervorosos debates, escritos ou orais, em jornais, revistas, assembleias ou comícios⁴⁰.

³⁸ René Dumesnil, Pierre Descaves, Jacques Kayser, Jacques Dombasle, são alguns dos intelectuais franceses que publicaram inéditos na *Seara Nova*.

³⁹ Entendemos que Raúl Proença e António Sérgio exerceram os seus magistérios mais centrados nas suas próprias convicções e menos na do grupo, cientes que as suas personalidades, nucleares na estratégia da acção da Revista, por si só congregariam a opinião geral. Concepções políticas e filosóficas dominaram as páginas da Revista, desde 1921 a 1939, com particular relevância.

⁴⁰ Jornais *República*, *Diário de Lisboa*, *Primeiro de Janeiro* e os comícios do MUD.

No entanto, passada a euforia inicial, Portugal com o apoio dos aliados anglo-americanos ao seu regime, favorece o pedido de adesão à ONU e a entrada na NATO, como membro fundador, em 1949.

Os efeitos da “guerra fria” e da bipolarização do Mundo são aproveitados por Salazar para consolidar o regime, aplicando rude golpe nas hostes oposicionistas que perdem muito do vigor adquirido no contexto do final da II guerra mundial.

Por outro lado, a defesa da Europa Ocidental, através da iniciativa dos EUA na concretização do Pacto do Atlântico e na ajuda económica do Plano Marshall lançava Portugal para novas realidades, as quais eram temidas pelo Governo, receoso de pressões sobre a orientação política e, conseqüentemente, sobre as colónias.

A *Seara* deu larga informação sobre a actividade política que se ia delineando no país e no estrangeiro, na constituição de organismos como a ONU e a NATO e, numa atitude mais reflexiva, elaborou artigos sobre os possíveis cenários para a constituição de uma nova ordem mundial.

No artigo sobre a Conferência de S. Francisco, Antonino de Sousa salienta o receio por parte dos dirigentes dos países participantes: “As pessoas encarregadas de conduzir os destinos dos seus países têm partido para as conferências cheios de receios e dispostos a duvidar de tudo e de todos”⁴¹, atitude resultante das conseqüências da guerra.

Noutros números da Revista⁴², o mesmo colaborador aborda assuntos da política internacional que vão ganhando corpo através das conferências de paz e segundo os interesses e necessidades de países tão diferentes como a Rússia, Estados Unidos e Inglaterra, e analisa o esquema geral da Carta das Nações Unidas.

A. Lobo Vilela (1902-1966) assina artigos sobre a conjuntura política nacional, fazendo a cobertura dos actos da oposição e comentários às desconfianças do Governo, que abriu um inquérito sobre a autenticidade das assinaturas das listas concorrentes às eleições⁴³.

J. B., que tudo leva a crer tratar-se de Jaime Brasil, segundo Daniel Pires, “redige libelos acusatórios às realizações do Estado Novo”, bem como Alves Diniz que critica a política financeira do Estado Novo (PIRES, 2000: 479)⁴⁴.

⁴¹ *Seara Nova*, n.º 925, de 5 de Maio de 1945, p. 1.

⁴² *Seara Nova* números 927, 929, 934, 937, 943, 944, 945, 946 e 949, de 19 de Maio, 2 de Junho, 7 de Julho, 28 de Julho, 8 de Setembro, 15 de Setembro, 22 de Setembro, 29 de Setembro e 20 de Outubro de 1945, respectivamente.

⁴³ *Seara Nova* números 950 e 951, de 27 de Outubro e 3 de Novembro de 1945, respectivamente.

⁴⁴ *Seara Nova* números 949, 950, 951, 952 e 953, de 20 de Outubro, 27 de Outubro, 3 de Novembro, 10 de Novembro e 17 de Novembro de 1945, respectivamente.

O tema colonial teve, desde as primeiras edições, lugar a uma atenção regular.

O Ultimato britânico de 1890 obrigou os governos monárquicos a darem a devida atenção aos territórios ultramarinos, promovendo e acelerando o seu desenvolvimento. O partido republicano era o que mais reclamava da necessidade de uma política de fomento colonial à qual se aliou a classe média.

No entanto, é justamente durante a vigência da 1.^a República que surge nova ameaça contra as possessões ultramarinas. Em 1913, Alemanha e Inglaterra negociam entre si uma possível partilha do território colonial português, mas a eclosão da primeira Grande Guerra fez ruir as suas intenções, sem esmorecer a defesa nacional na manutenção das colónias.

Logo em Janeiro de 1926 o número especial, organizado por Jaime Cortesão e com colaboração de Ernesto Vasconcelos⁴⁵, confirma a importância da questão colonial para Portugal e para a ordem mundial, depois da Primeira Grande Guerra. Este texto acompanha as diferentes políticas e os novos rumos face à visão colonialista, ao longo dos anos, sublinhando as diferenças com outras potências, nomeadamente a Inglaterra no diálogo com os naturais. No período do nosso estudo, merece destaque a rubrica “Problemas Coloniais”⁴⁶, sobre a colónia de Moçambique, assinada pelo colaborador João Fernandes, que suscitou por parte de Marcelo Caetano, então Ministro das Colónias, um esclarecimento nas páginas da Revista⁴⁷, “contra uma alegada deturpação do seu pensamento”, expressa pelo articulista (PIRES, 2000: 481).

O MUD (Movimento de Unidade Democrática), criado em 8 de Outubro de 1945, na reunião do Centro Escolar Republicano Almirante Reis, congregou a força da oposição, cujo impacto originou a oposição democrática pronta a preparar o processo eleitoral que a habilitaria a concorrer às eleições legislativas que se aproximavam.

Como não foram concedidas, pelo Governo, as condições mínimas e houve um inquérito às listas dos apoiantes do MUD com claros propósitos de intimidação, os opositores resolveram não comparecer às urnas.

Os seareiros envolvidos no MUD, nas diversas comissões, foram José Bacelar, Alberto Candeias, Câmara Reis, Álvaro Salema, Manuel Mendes, Fernando Lopes

⁴⁵ *Seara Nova*, n.º 68 e 69, de 9 de Janeiro de 1926.

⁴⁶ *Seara Nova*, números 908, 909, 910, 911, 975, 976, 979, 981, 982, 983, 986 e 989, de 6 de Janeiro, 13 de Janeiro, 20 de Janeiro, 27 de Janeiro de 1945, 20 de Abril, 27 de Abril, 18 de Maio, 1 de Junho, 8 de Junho, 15 de Junho, 6 de Julho e 27 de Julho de 1946, respectivamente.

⁴⁷ *Seara Nova*, n.º 985, de 29 de Junho de 1946.

Graça e Lobo Vilela, e a *Seara*, nas suas páginas, desenvolveu noticiário alargado de todo o momento político que antecedeu as eleições, em suplementos especiais⁴⁸.

Toda esta acção cívica por parte da *Seara Nova*, nomeadamente a integração de alguns dos seus elementos no MUD, resultou no reforço de vigilância sobre a Revista, por parte dos órgãos repressivos do Estado Novo, tendo mesmo sido presos Alberto Candeias, A. Lobo Vilela e Godinho⁴⁹ (PIRES, 2000: 481-482).

Este movimento democrático que congregou os opositores ao Estado Novo⁵⁰ acabou por ser proibido em Março de 1948, mas muitos dos antigos membros continuaram a opor-se ao regime e integraram-se na comissão de apoio à candidatura do general Norton de Matos à Presidência da República, em Julho de 1948.

A par desta actividade política que causou perturbações na organização interna da Revista, tendo a mesma sido suspensa por cerca de dois meses e meio, publicando-se o número 1091, em 26 de Junho de 1948, e só em Setembro de 1948 aparece o número 1092, a *Seara* aflorou temas de âmbito pedagógico, científico e cultural, em que expunha assuntos de grande interesse social, que serão tratados no ponto 3.6, e que eram ventilados um pouco por toda a imprensa desafecta à ideologia oficial.

3.4 O entusiasmo pela cultura francesa

A incapacidade do regime continuar a mobilizar os agentes culturais, como, de facto, conseguira durante a década de trinta até à Exposição do Mundo Português, em 1940, faz com que o principal movimento cultural de contestação antifascista, o neo-realismo, ganhe especial fôlego na década de quarenta, com incidência na sua segunda metade.

Desde o início do século XX, como aliás em épocas anteriores, a França estava presente no espírito dos intelectuais portugueses, como modelo quase hegemónico de referência cultural; a influência do pensamento de Bergson e Gide em certos espíritos da geração da *Presença*, e a influência teórica e política de Friedman, Romain Rolland, Aragon e Malraux na mais jovem geração de intelectuais portugueses, como referencial na formação cultural, política e estética do neo-realismo, permitiu a proliferação de obras e artigos dos grandes intelectuais franceses. Henri Barbusse, Romain Rolland,

⁴⁸ *Seara Nova* números, 948, 949 e 950, de 13, 20 e 27 de Outubro de 1945, respectivamente.

⁴⁹ Daniel Pires refere que tanto pode ser Vitorino Magalhães Godinho ou José Magalhães Godinho, segundo carta de Câmara Reis a João de Barros, de 13 de Agosto de 1947.

⁵⁰ A maioria era constituída por intelectuais e profissionais liberais.

Louis Aragon, Paul Éluard, Georges Friedmann, entre outros, chegam até nós em traduções ou originais.

A *Seara Nova* adere com fascínio a toda esta exaltação dos intelectuais franceses que se destacaram na luta pela libertação da sua pátria ocupada, e a inserção de artigos inéditos ou a recensão da obra de autores franceses constituem, em termos ideológicos, uma arma de combate anti-salazarista.

Reveladores desse interesse são os artigos de recensão de obras de autores franceses, nomeadamente os de António Miguel, autor de uma série intitulada “Poetas franceses saídos da guerra”⁵¹, estudando em particular a obra de Pierre Emmanuel e Louis Aragon, ou o artigo de Manuel Campos Lima “O pensamento livre é uma atitude dos escritores franceses”⁵², que apoia a actividade saneadora do Comité Nacional de Escritores (CNE) contra escritores transigentes com a actividade colaboracionista como foi o caso de René Lalou ao incluir numa antologia de escritores da resistência Charles Maurras.

Curioso é, também, o artigo de Violante Canto da Maia, intitulado “As tendências da literatura contemporânea em França”⁵³, que analisa, em forma de ensaio, a literatura que se ia fazendo desde 1940, considerando anquilosadas e desajustadas, face ao momento presente, as obras de figuras ilustres que escreveram até ao ano da ocupação, porque “já não é sobre elas que se cristaliza a nossa esperança” (MAIA, 1947: 66).

Esta proeminência dada à França consolida a expressão neo-realista no campo do pensamento, da literatura, da música e das artes plásticas, a que a *Seara*, apesar de não se subordinar a uma ideologia estreita, acolhe com simpatia todos os ideais democráticos, sem rigidez ou complacência, no culto da liberdade e num espírito de pacifismo e comunidade universal, não desvirtuando ou renegando o seu programa inicial de acção.

Assim se entende a atracção que o escritor Romain Rolland exerceu sobre os intelectuais, e a *Seara Nova* no n.º 924, através de Bento de Jesus Caraça, evoca a sua vida e obra, no momento da sua morte⁵⁴. Aos olhos dos neo-realistas, Rolland é um modelo da liberdade de expressão que comunica à sociedade o seu pensamento, acima

⁵¹ *Seara Nova*, números 989, 992, 996 e 1000/7, de 27 de Julho, 17 de Agosto, 14 de Setembro e 26 de Outubro de 1946, respectivamente.

⁵² *Seara Nova* n.º 1000/7, de 26 de Outubro de 1946, p. 162-163.

⁵³ *Seara Nova* n.º 1035, de 31 de Maio de 1947, p. 65-68.

⁵⁴ *Seara Nova*, n.º 924, de 28 de Abril de 1945, p. 287.

de qualquer interesse de poder, de classe ou de grupo, de forma livre.

O autor de *Jean-Christophe* exalta nas suas obras o ideal de uma energia sem violência, que vai de encontro aos princípios defendidos pela *Seara*: a reforma das mentalidades e a revolução das consciências, ou seja transitar “do plano da imediatidade, no qual os homens estão presos das coisas exteriores, para o da idealidade” (PITA, 1983: 151).

É claro que “idealidade” não tem o mesmo sentido para Romain Rolland como para a *Seara*, porque para Rolland “todo o pensamento que não age é um aborto ou uma traição” (NAMORADO, 1966: 597), ao passo que para os seareiros a reforma das mentalidades, a revolução das consciências consumavam-se dentro dos espíritos, em oposição aos que pareciam ver nas revoluções políticas a cura para todos os males (AMARO, 1995: 91-95).

O interesse deste autor e intelectual, bem como toda a atenção que a *Seara* dedicou à cultura Francesa, tem horizontes mais vastos, passando, naturalmente, pela formação humanista revelada, mas expressando uma linha de pensamento actuante, condizente com uma nova Europa que o fim da Guerra prognosticava.

Os já citados artigos de António Miguel sobre os poetas franceses destacam o drama do nosso tempo moderno, a crença na dignidade do homem e a esperança da sua salvação, e é à luz destes princípios, absorvidos pelo neo-realismo, que a *Seara* acolhe as teorias da nova corrente estética e política, sem nunca a tutelar, isto é, sem entroncar na ideologia política subjacente.

3.5 Materialistas e Idealistas em confronto

Rodrigues Lapa, no artigo “Carta a um amigo, a propósito de uma colaboração”⁵⁵, acentua um alinhamento ideológico que, à partida, nada tem a ver com os princípios que modelaram o ideário filosófico da Revista, aberto a todos os credos de pendor democrata, sem partidarismos e na defesa intransigente da liberdade. A propósito de um convite da revista *Litoral* para Rodrigues Lapa prestar colaboração, este filólogo demarca-se das posições assumidas pela Revista que “se propõe fundamentalmente tratar os assuntos dum modo teórico e desinteressado”, investindo-a de querer agradar a Guelfos e Gibelinos, tornando-a “uma salada heteróclita”. Lapa

⁵⁵ *Seara Nova*, n.º 880, de 24 de Junho de 1944, p. 115.

assume dificuldades em conviver com outros credos e afirma: “só vou com os da minha igualha, e no barquinho onde navego só quero ter gente de confiança” (LAPA, 1944: 115).

Curiosamente, num outro artigo, “O muito falado e inexistente programa da *Seara Nova*”⁵⁶, Lapa afirma “a impossibilidade teórica de agrupar todos os seareiros sob um mesmo credo, uma só bandeira”, dando a entender que as várias tendências que cada elemento exprime em termos de pensamento seria uma mais valia, desde que “sirvam o povo e não uma facção e que as liberdades fundamentais sejam quanto possível salvaguardadas” (LAPA, 1946: 81-82).

Neste quadro, verifica-se a dificuldade das revistas fazerem passar os seus programas expostos em manifesto ou editorial, em virtude da pluralização de ideias que os seus colaboradores esgrimem, matizando-as, e provocando acaloradas polémicas.

A *Seara* não foi imune a polémicas e a alguns “desvios” ideológicos e programáticos, umas vezes por alguns elementos polarizarem em torno de si as sensibilidades culturais e ideológicas individuais, outras por o momento político-social o exigir.

Nesta perspectiva, detectamos três linhas ideológicas, de âmbito filosófico-cultural, que no seio da Revista tentaram alcançar posições hegemónicas, seguindo de perto a análise de João Madeira que, através da velha fórmula dicotómica materialismo/idealismo, expõe as sensibilidades de alguns intelectuais na defesa dos seus pontos de vista.

Assim, é em torno de Lopes Graça, Santana Dionísio e Câmara Reis, representante da linha sergiana, que se constituem os grupos que pretendem impor as suas orientações nos destinos da Revista.

Lopes Graça tenta imprimir uma posição de influência marxista, a que não é alheia a sua proeminência na redacção da *Seara Nova*, que se mobilizou pela causa oposicionista do Movimento de Unidade Democrática (MUD). A composição musical “Jornada”, com versos de José Gomes Ferreira, e a composição “Mãe Pobre”, com letra de Carlos Oliveira, bem como a música da canção “Companheiros Unidos” de Arquimedes da Silva Santos, identificada como hino do MUD, confere-lhe esse destaque⁵⁷.

⁵⁶ *Seara Nova*, n.º 1000/1007, de 26 de Outubro de 1946, p. 81-83.

⁵⁷ Publicadas na *Seara Nova*, nos números 949 e 951, de 20 de Outubro e 3 de Novembro de 1945, respectivamente.

Santana Dionísio, discípulo de Leonardo Coimbra (1883-1936), representa o grupo que quer implementar na Revista um pensamento segundo a linha metafísica. As reacções contra as invectivas de Dionísio encheram páginas polémicas, em que Piteira Santos e Manuel Mendes foram os principais contendores.

Os artigos assinados por Santana Dionísio, intitulados “A Sinceridade Política de Antero de Quental”⁵⁸, provocaram uma reacção em sentido oposto de Fernando Piteira Santos e Manuel Mendes que assinaram artigos⁵⁹, onde expõem as suas divergências em relação às posições de Dionísio. Consideram que ao fazer frequentemente a “apologia rasgada de Leonardo Coimbra, o seu ideário pouco consentâneo com a racionalidade seareira e o facto de se intitular herdeiro espiritual de Raul Proença transformaram-no na *bête noir* da revista, durante muitos anos” (PIRES, 2000: 483).

As divergências com Santana Dionísio já vinham de longe e, segundo cartas existentes na compilação da correspondência de Rodrigues Lapa, coordenada por Maria Alegria Marques, verificamos as ideologias em confronto na *Seara Nova*.

Assim, em carta datada de 12 de Julho de 1945, Rodrigues Lapa, dirigindo-se a Câmara Reis, dá o seu parecer sobre a polémica entre Egídio Namorado e Santana Dionísio sobre a Escola de Viena, ensaio da autoria do primeiro e comentado por Dionísio na *Seara*, no número 930. Lapa afirma que as divergências entre os dois contendores se devem “a uma briga entre dois sistemas filosóficos”, e mais à frente conclui que “a *Seara* está muito mais perto das ideias defendidas por Namorado do que das defendidas por Santana...” (MARQUES, 1997: 117-118).

Trata-se de um confronto provocado por sensibilidades diferentes que pretendiam fazer prevalecer os seus pontos de vista e que o momento histórico, a importância e a projecção da *Seara Nova* ajudaram a esgrimir.

Se Rodrigues Lapa, Lopes Graça, Manuel Mendes, Fernando Piteira Santos, Joel Serrão, António José Saraiva entre outros, assumiram uma linha ideológica marcada pelo marxismo, a partir do Verão de 1945, favorecida pela conjuntura de final da guerra, esta corrente nunca foi, neste período que estudamos, a matriz filosófica da *Seara*, até porque a maioria dos intelectuais marxistas tinha-se afastado da Revista a partir da polémica de 1943, entre Mário Dionísio e João Pedro de Andrade, a que fizemos alusão anteriormente no ponto 2.4 (MADEIRA, 1996: 212-213).

⁵⁸ *Seara Nova*, números 1113, 1114 e 1117, de 7 de Maio, 14 de Maio e 4 de Junho de 1949, respectivamente.

⁵⁹ *Seara Nova*, números 1120 e 1127, de 25 de Junho e 13 de Agosto de 1949, respectivamente.

Por fim, na redacção da *Seara* prevalece o grupo de Câmara Reis, seguidor de Sérgio e Proença, defensores dos ideais que moldaram o ideário filosófico da Revista, catalisador do “humanismo crítico, de um cosmopolitismo racionalista e da democracia política e social, contra o conservadorismo e o tradicionalismo de feição nacionalista e católica propugnado por Leonardo Coimbra e os seus seguidores” (MADEIRA, 1996: 213).

A aversão à corrente que, no seio da *Seara Nova*, era representada por Santana Dionísio levou ao entendimento entre a linha sergiana e a linha marxista (MADEIRA, 1996: 213), o que levou Egídio Namorado, defensor das posições materialistas, a concluir que o idealismo de António Sérgio não mostrava grandes diferenças das concepções materialistas (PITA, 1983: 164-165).

Esclarecedora desta luta ideológica é, também, a carta de Santana Dionísio dirigida a Rodrigues Lapa, datada de 30 de Novembro de 1946, e que refere o seguinte: “Certamente se recorda daquelas reuniões que há três ou quatro anos fizemos a fim de rever e fixar de novo a linha política, programática e ideológica, da gente da ‘Seara’ e da proposta que logo na primeira ou segunda reunião apresentei e foi aceite: a de cada um, a sós, redigisse por assim dizer a sua ficha e a apresentasse a fim de se confrontar, conferir e ‘contrastar’ os elementos confidentes, pessoais, e assim ver se seria possível determinar uma linha política comum” (MARQUES, 1997: 147-148).

Aferimos, por este excerto, que a *Seara* atravessou um período de indefinição ideológica, durante praticamente toda a década de 40, resultante, por um lado, da ausência dos seus principais ideólogos; a saída polémica de António Sérgio, em 1939, e o falecimento de Raul Proença, em 1941 e, por outro lado, pelas necessidades de sobrevivência da própria Revista que, num ímpeto renovador, acolheu nas suas páginas novas correntes de pensamento que ganharam projecção em função do momento político e social como foi o caso do neo-realismo.

3.6 A Ciência e a Educação

A recepção em Portugal dos grandes debates em torno da ciência deparou-se com dificuldades relacionadas com a falta de liberdade. Num contexto anti-democrático e adverso à cultura investigativa, a produção científica, encarada com desconfiança, esteve, regra geral, privada de condições e de meios e viu serem afastados alguns dos seus mais destacados protagonistas⁶⁰.

As actividades científicas desenvolviam-se em escassos domínios: medicina e engenharia, onde a procura social do conhecimento técnico, em aspectos de saúde, ambiente, energia, telecomunicações e transportes, se tornara emergente, muito embora não existisse uma comunidade científica como noutros países, e a pouca investigação que se fazia restringiu-se aos centros de estudos universitários.

Apesar da evidente falta de integração das políticas de ensino e de investigação, a criação da Universidade Técnica de Lisboa, em 1930, e do Instituto para a Alta Cultura, em 1936, representam os primeiros centros de apoio à investigação laboratorial e acção tecnológica. A atribuição de bolsas de investigação e o envio de bolseiros para o estrangeiro, permitiu um crescimento com impacto na economia e a na sociedade portuguesa, sobretudo através de conhecimentos nos domínios da matemática, da física e da química, mas só com o aproximar do fim do regime, com a vinda para Portugal dos investigadores, se tornou um factor decisivo para a modernização da ciência no nosso país (CARAÇA, 1999: 318).

As revistas culturais foram o veículo privilegiado para se aflorar questões relacionadas com a ciência, nomeadamente a sua divulgação, e a *Seara Nova* acolheu acesas polémicas em torno desta temática. Ficaram famosas as “picardias” entre António Sérgio e Abel Salazar sobre a divulgação cultural e científica, ainda na década de trinta.

Alberto Candeias, que dirigia a rubrica “Factos e Documentos” na *Seara*, foi o responsável pela tradução de temas científicos aí publicados, assim como fez editar livros e opúsculos com a chancela da *Seara Nova*⁶¹.

⁶⁰ Bento de Jesus Caraça, Aurélio Quintanilha, Rodrigues Lapa, Abel Salazar e outros foram demitidos das suas funções oficiais.

⁶¹ *Seara Nova*, números 1014, 1018, 1019, 1020 de 4 de Janeiro, 1 de Fevereiro, 8 de Fevereiro e 15 de Fevereiro de 1947, respectivamente, rubrica “Factos e Documentos”. Os livros publicados pela *Seara* editora de autoria e tradução de Alberto Candeias são: *A Personalidade e a Obra de Darwin*, 1940, *Física*

Os debates sobre espírito científico, analisados de lados opostos, também preencheram as páginas da Revista, como os que opuseram José Bacelar e Alberto Candeias⁶² e Egídio Namorado e Santana Dionísio⁶³, bem como esclarecimentos sobre a má utilização da ciência, principalmente depois dos bombardeamentos de Nagasáqui, de que é exemplo o artigo “Cataclismo”, da autoria de Alberto Candeias⁶⁴ e o artigo de Raul Gomes “Perspectivas criadas pela energia atômica”⁶⁵.

Para a filosofia da ciência, os artigos de Rudolf Carnap⁶⁶, defensor do positivismo lógico e anti-metafísico, são esclarecedores. A divulgação da palestra do professor Lawrence Bragg⁶⁷, no hotel Aviz, sobre o mérito da ciência também mereceu a publicação na *Seara Nova*.

Para aquilatarmos da importância com que a divulgação da ciência, paulatinamente, se foi vulgarizando na imprensa periódica, e nomeadamente na *Seara Nova*, temos que enquadrá-la num movimento cultural com inícios nos anos 30 e que atravessou a década para, na seguinte, se manifestar já mais segura de si mesma, conseguindo romper a letargia do ensino e pensamento da época.

A proliferação de artigos e debates de divulgação cultural, literária, artística e científica em jornais e revistas, conferências, projectos editoriais como a Biblioteca Cosmos, em Lisboa, e a série Cadernos Azuis no Porto, ajudaram a perceber a ciência numa lógica de aperfeiçoamento e de progresso, a que não é alheia a problemática marxista, que contribuiu para o aprofundamento das relações entre o pensamento materialista dialéctico e a filosofia da ciência.

Quanto ao ensino e educação, a *Seara*, desde a sua fundação, preocupou-se em sugerir reformas que visavam a solução dos problemas da educação nacional. Assim, o objectivo seria a reforma dos costumes, sem a qual nenhuma medida seria viável e fecunda.

Foi assim que Faria de Vasconcelos, nos primórdios da Revista, preconizou medidas para definir e precisar a orientação geral na educação nacional, através de um

e *Filosofia* de James Jeans (tradução), 1944 e *A Ciência na Adversidade. Conferência lida na Liga de Profilaxia Social do Porto*, 1940.

⁶² *Seara Nova* números 921, 923 e 926 de 7 de Abril, 21 de Abril e 12 de Maio de 1945, respectivamente.

⁶³ *Seara Nova* números 930, 935, 936 e 939 de 9 de Junho, 14 de Julho, 21 de Julho e 11 de Agosto de 1945, respectivamente.

⁶⁴ *Seara Nova* n.º 940 de 18 de Agosto de 1945.

⁶⁵ *Seara Nova* n.º 958 de 22 de Dezembro de 1945.

⁶⁶ *Seara Nova* números 942, 943, 946, 947 e 948 de 1 de Setembro, 8 de Setembro, 29 de Setembro, 6 de Outubro e 13 de Outubro de 1945, respectivamente.

⁶⁷ *Seara Nova* n.º 956 de 8 de Dezembro de 1945.

programa mínimo que contemplava a gratuidade do ensino primário e secundário, “a concessão de bolsas de estudo para o ensino superior aos indivíduos de maior capacidade que não estejam em condições de sustentar-se pelos seus recursos”, a “organização eficaz das obras de assistência escolar”, entre outras medidas inseridas no programa de política pedagógica (CARDIA, 1990: 157-158).

Quanto à educação popular, Ferreira de Macedo expõe os seus pontos de vista segundo o modelo que se tem aplicado na Universidade Popular Portuguesa. O ideal da educação popular outro não era senão o da “educação dos adultos de todas as classes sociais, a educação da massa geral da nação”, sem preconceitos intelectuais de cultura universitária, mas cuja finalidade seria a cultura integral do indivíduo com “o hábito da sua aplicação a fins individuais e sociais harmónicos e escolhidos tão livremente quanto possível” (CARDIA, 1990: 191).

Questão transversal a todas as épocas, ela tem particular melindre nos períodos em que se instalam regimes autoritários, cuja ideologia abrange todos os sectores dinâmicos da sociedade, daí que o problema pedagógico em aliança com o problema cultural, sempre interessou e preocupou os espíritos seareiros.

António José Saraiva, Irene Lisboa, Fernanda e Flausino Torres, Rodrigues Lapa, Cristina Torres e outros, escreveram artigos sobre as instituições de ensino, os problemas pedagógicos em torno da educação e experiências pessoais de docência⁶⁸.

⁶⁸ *Seara Nova*, números, 947, 949, 950, 951, 953, 955, 964, 988 e 1013 de 6 de Outubro, 20 de Outubro, 27 de Outubro, 3 de Novembro, 17 de Novembro, 1 de Dezembro de 1945, 2 de Fevereiro, 20 de Julho e 28 de Dezembro de 1946, respectivamente.

4. A DÉCADA DE CINQUENTA, “OS ANOS DE CHUMBO”

4.1 O contexto histórico e cultural

Após as eleições presidenciais de 1949, o Estado Novo recompõe-se e toma o controlo da situação política. A oposição divide-se e o efeito do ambiente da “guerra fria” conduz o País à aparente monotonia “de uma vida sem surpresas”. No entanto, este aspecto revestia-se de sérios riscos para o regime, que passaria a confrontar-se com os seus próprios apoiantes, divididos entre continuidade e transição. Pela primeira vez pensa-se na sucessão de Salazar, são os “anos de chumbo”, na opinião de Fernando Rosas “o princípio de um longo fim” (ROSAS, 1994: 503).

Com a morte de Carmona, em Abril de 1951, reacendeu-se a questão monárquica entre os adeptos do regime. Nas eleições seguintes, os oposicionistas apresentaram dois candidatos: o almirante Quintão Meireles da ala moderada e Rui Luís Gomes da ala esquerda oposicionista, sendo o candidato do Governo, o general Craveiro Lopes, sem surpresas, o vencedor das eleições.

Contida a crise política, configurada em larga medida pelas turbulências eleitorais de 1949 e 1951 que acabariam por ser inconsequentes para o regime, Portugal, com a concordância dos aliados ocidentais que temiam a orientação comunista na Península Ibérica, tornou-se membro fundador da OTAN, em 1949, e membro das Nações Unidas, em 1955.

Neste período, intensifica-se a política de obras públicas e fomenta-se a industrialização no País e nas possessões ultramarinas; elaboraram-se os Planos de Fomento I e II com vista à rápida modernização da agricultura e indústria, muito embora se tenha ignorado o investimento na inovação, nos equipamentos, na produtividade e na competitividade.

Quando, em 1958, teve início a segunda grande crise política do regime, provocada pela candidatura do general Delgado, o Estado Novo é afectada pela onda de reacções dos oposicionistas e dos tradicionais partidários da “situação”.

As eleições presidenciais reflectiram as divergências dentro do regime, afectando o próprio Presidente Craveiro Lopes que se mostrara dissidente e crítico face a certas posições do Governo (nomeadamente à política colonial), tendo sido, por isso,

vetada a sua recandidatura pela Comissão Central da União Nacional, a favor do almirante Américo Tomás.

A oposição apresentou dois candidatos: o general Humberto Delgado, proposto como independente por um grupo de oposicionistas do Norte, e Arlindo Vicente por parte da "Oposição Democrática", mais à esquerda. O carisma de Delgado fez com que toda a oposição depressa alinhasse com ele e, tal como em 1949, pensava-se que o regime não iria sobreviver, mas surpreendentemente o General não venceu, e o regime recompôs-se novamente.

A decisão do general Humberto Delgado representou um acto de coragem individual cujo entusiasmo mobilizou toda a oposição e, em particular, a população anónima. Sendo conhecedor do regime, dentro do qual exerceu funções, a ausência de temor e o modelo político liberalizador que apresentou conferiram-lhe a idoneidade necessária para a adesão maciça de que foi alvo a sua candidatura (ALVES, 1998: 5-6).

Na *Seara Nova*, fortemente vigiada pelos censores, nada foi publicado acerca da campanha que dividiu os *seareiros* na escolha do candidato, optando uns pelo apoio a Cunha Leal e outros a Humberto Delgado, criando mais “um foco de conflito entre os dois blocos seareiros” (PIRES, 2000: 490-491), e que mais à frente daremos nota.

Quando a guerra mundial acabou, muitos políticos, intelectuais e artistas apostaram na queda do regime salazarista, na esperança de modernizarem o país a vários níveis. O meio cultural era dinamizado por jovens artistas que opunham os seus discursos e obras à “política do espírito” governamental, que com o afastamento de António Ferro, em 1949, continuou a seguir e a cuidar da educação nacional dos portugueses segundo conteúdos delineados na altura da formação do Estado Novo.

A Sociedade Nacional de Belas-Artes (SNBA) continuou a modernizar os seus programas e a organizar as anuais Exposições Gerais de Artes Plásticas (1946-1956), em concorrência com as do SNI (Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo) conferindo-lhes um eclectismo estético, “desejosos de aproximar a arte do povo” (FRANÇA, 1980: 44-45).

Neo-realistas, surrealistas e existencialistas distinguiram-se entre si por aspectos éticos e estéticos. As dissidências internas no seio dos neo-realistas, nos anos 50, centradas nas diferentes apreciações em torno da primazia do conteúdo e a da forma, e que nos anos 30 e 40 rivalizaram com outras correntes estéticas, acabaram por gerar, ora uma literatura acessível e empenhada, no objectivo de denunciar as injustiças sociais e a repressão política ou, a partir da recusa sistemática do academismo, criar uma outra

corrente mais provocatória do ponto de vista da liberdade do debate interpretativo, no sentido de provocar uma outra consciência e um outro estado de espírito.

Nos anos 50, o existencialismo que tem em Jean Paul Sartre um dos seus maiores representantes, exerce forte influência nos ficcionistas portugueses, grande parte deles oriundos da estética neo-realista, como Vergílio Ferreira, e uma nova geração de romancistas, como Urbano Tavares Rodrigues ou Augusto Abelaira, vai do existencialismo ao realismo social, e até mesmo Mário Dionísio se concilia com o surrealismo em *Le Feu qui dort* (LOPES, 2004: 317).

Segundo José Augusto França, as artes plásticas passaram da “querela do realismo” para outras expressões menos marcadas ideologicamente como o abstraccionismo e o surrealismo (FRANÇA, 1980: 46), apostados que estavam na espontaneidade e no automatismo do pensamento, orientados pelos impulsos do inconsciente que a psicanálise fez emergir.

4.2 A efeméride e a memória – O influxo político-doutrinário

A *Seara Nova* durante a década de 50 utilizou, com frequência, as suas páginas para evocações e homenagens a personagens ilustres, umas já desaparecidos, outras não. Humberto D’Ávila, crítico musical da *Seara*, que redigiu o artigo “No Centenário do Nascimento do Grande Tenor António de Andrade”⁶⁹, explica, por força das críticas que a *Seara Nova* havia recebido, que tais publicações se devem “à fase apressada, egoísta e dispersiva que atravessamos” e, por conseguinte, essas evocações teriam que ser entendidas como “uma chamada à consciência colectiva, pretexto para a revisão de valores, oportunidade para a divulgação de obras, feitos ou figuras exemplares” (ÁVILA, 1954: 73-74).

Se a *Seara*, ao longo da sua existência, por motivos estratégicos de sobrevivência, financeiros ou políticos, teve que abrir as suas páginas a correntes de pensamento e ideologias, por vezes, de sinal contrário, nunca se afastou da espinha dorsal que a enformou, que seria nas palavras de Câmara Reis, “o desejo do bem comum, o culto da liberdade, o amor da pátria conjugado a um espírito de pacifismo universal, a moral aceite e praticada sem os borrifos da água benta, a aspiração da justiça social, duma ampla igualdade económica, o combate simultâneo à plutocracia e à

⁶⁹ *Seara Nova* n.º 1291/1292, de Maio de 1954.

demagogia, a educação laica, generalizada e assegurada ao povo, a fidelidade à república e à democracia, o horror ao conformismo, ao fascismo à violência – eis, grosseira e sumariamente exposto, o breviário do ‘seareiro’, no serviço modesto da grei e da humanidade” (REIS, 1946: 226).

Estas palavras de Câmara Reis escritas na sequência do 25.º aniversário da *Seara Nova* traduzem a orientação definida pelos fundadores Revista, que tentaram sempre manter apesar de, ao longo da sua existência, se confrontarem com realidades diversas, sobretudo de ordem política.

As inflexões derivadas de tais realidades assentam em desvios ideológicos de alguns dos seus membros que, numa fase mais efervescente da contextura política, se entusiasmaram em demasia com novas correntes estético-culturais de cariz marxista, ou se embrenharam na defesa do “purismo” assente na utopia iluminista e idealista, na senda da Geração de 70.

A defesa deste ideário, nem sempre perceptível, como aludimos, deve-se em grande parte a Câmara Reis que, segundo nota da redacção, “possuía a rara virtude mental de compreender que novo é sempre, e só, aquele que sabe acompanhar o que, permanecendo, hora a hora se renova, avançando no tempo, forjando um novo tempo”⁷⁰. Este figurino que a *Seara* adoptou até finais de 1958 tem como pano de fundo as crescentes dificuldades financeiras e os respectivos efeitos em toda orgânica interna da Revista. A publicação não tinha periodicidade definida, sendo frequente uma edição corresponder a três ou a quatro números, quase sempre dedicados a figuras da República recém-falecidas, ou cujo aniversário do falecimento ocorria então (SERTÓRIO, 1971: 19).

Assim, edições exclusivas de homenagem a personalidades tão diversas como Goethe, Teixeira Gomes ou Jaime Cortesão, procuravam, através dos traços biográficos, exaltar a nobreza de carácter dos homenageados que, nas suas obras ou em actos de outra natureza, deixaram marca indelével⁷¹.

Ainda com o mesmo propósito destacam-se as edições sobre Emílio Costa⁷², Almeida Garrett⁷³, Norton de Matos⁷⁴. Edições dedicadas aos Direitos do Homem⁷⁵, ao

⁷⁰ *Seara Nova*, aditamento ao n.º 1391-92, Outubro de 1961, sobre a morte de Luís da Câmara Reis.

⁷¹ *Seara Nova*, números 1129 de 27 de Agosto de 1949, suplemento de 18/10/1950 e 1266/1269 de 27 de Dezembro de 1952, respectivamente.

⁷² *Seara Nova*, n.º 1276/1277 de 17 de Julho de 1953.

⁷³ *Seara Nova*, n.º 1299/1300 de Setembro-Dezembro de 1954.

⁷⁴ *Seara Nova*, n.º 1307/1310 de Julho-Dezembro de 1955.

⁷⁵ *Seara Nova*, n.º 1240/1241 de 1-8-15 de Dezembro de 1951.

Brasil⁷⁶, e sobre a Energia Atómica⁷⁷, acentuam o espírito cívico, pedagógico, democrático, e progressista de que a *Seara* se revestiu na luta contra toda e qualquer espécie de obscurantismo.

A evocação de Goethe, que personificou o espírito Europeu e que proclamava a civilização baseada sobre o sentido humano da vida (COELHO, 1950: 37), revela o cosmopolitismo e universalismo que a *Seara Nova* sempre defendeu numa perspectiva humanista e cívica dos grandes valores universais.

Na mesma linha Álvaro Salema refere-se ao génio goetheano da seguinte forma: “todo o seu esforço de apreensão da realidade se representava na ideia de que a marcha da consciência humana é não só paralela mas idêntica à marcha da natureza e na essência, afinal, uma única trajectória; na convicção, em suma, de que a sua luta pela unidade interior e pela universalidade da consciência era a própria representação do mundo e da vida” (SALEMA, 1949: 126).

Neste excerto subjazem conceitos que entroncam na filiação republicana e no ideário filosófico dos seareiros que, apesar dos novos tempos, não abdicam da dimensão espiritual do homem como forma redentora, à boa maneira iluminista. Na mesma linha renovadora, o número comemorativo do segundo centenário da publicação do *Verdadeiro Método de Estudar*⁷⁸ de Luís António Verney, a quem António Sérgio designa de “Apóstolo Cívico” realça o espírito reformador e progressista de que a *Seara* sempre se arvorou, e que estão patentes naquela obra.

Recordar Emílio Costa, republicano que evoluiu para a ideologia anarquista, colaborador assíduo da Revista que lhe editou muitos dos seus livros e que professava ideias contrárias dos *seareiros*, leva-nos a admitir o espírito de tolerância da *Seara Nova* face a formas de pensamento divergentes mas que pugnam pelos ideais democráticos, na melhoria das condições de vida e, sobretudo na defesa da dignidade humana e que contribuíram para a valorização da cultura, da história e da política (VENTURA, 1977: 14-15).

A *Seara Nova* sempre defendeu no seu ideário estes ideais democráticos, expresso em muito dos artigos, biografias e temáticas tratadas.

⁷⁶ *Seara Nova*, n.º 1305/1306 de Maio-Junho de 1955.

⁷⁷ *Seara Nova*, n.º 1337/1338 de Maio de 1957.

⁷⁸ *Seara Nova*, n.º 1016/1017 de 25 de Janeiro de 1947.

Na edição sobre o centenário da morte de Almeida Garrett⁷⁹, Jorge de Macedo destaca no seu artigo que as posições “eminentemente liberais” defendidas por Garrett, como a sua simpatia pelo vintismo, a sua participação no cerco do Porto, a adesão à Revolução de Setembro de 1936, a oposição a Costa Cabral, a defesa da separação de poderes do Estado e da primazia do Legislativo, são exemplos que o republicanismo corporiza na formação da sua doutrina e na defesa dos seus valores e conceitos.

No número de homenagem a Norton de Matos, a *Seara* pela pena do professor Egas Moniz, exalta a acção do General em Angola como governador (1912-1915) e como alto comissário (1921-1924). As ideias de um governo civil, em substituição do militar, a defesa da integridade do indígena conferem-lhe uma dignidade humanística apreciada por todos.

Homens como Jaime Cortesão, Augusto Casimiro (seareiros) e Norton de Matos fazem parte de uma geração que assimilou o problema das colónias como sendo crucial para a Nação, nos aspectos económicos e políticos. Todos eles vivenciaram os efeitos causados pelo ultimato inglês que envergonhou o país, e a luta patriótica contra esse ultraje foi intensamente aproveitada pelo discurso republicano que, desta forma, congregou para a sua causa grande parte da nação, já cansada da monarquia constitucional.

Assim, a questão colonial aliou-se ideário republicano de restauração da pátria e homens como os que citamos tinham bem presente que Nação e Império faziam parte da mesma realidade.

A ciência ocupou, sempre, nas páginas da *Seara* lugar de relevo como factor de desenvolvimento e progresso e, também, como fonte de esclarecimento e oposição aos que viam na ciência a causa de todos os males. No número consagrado à energia atómica, o artigo de Marques da Silva pretendeu esclarecer tudo o que envolve este tipo de energia, bem como os aspectos sociais da sua utilização; as perspectivas de abastecimento eléctrico da Europa com reactores nucleares constituíram objecto do artigo de Armando Gibert, enquanto os aspectos relacionados com o efeito das radiações ionizantes sobre a célula, foram explicados pelo Professor Flávio Resende.

⁷⁹ *Seara Nova*, n.º 1299/1300 de Setembro/Dezembro, p. 131-134.

A censura e a autocensura contribuíam, também, para este tipo de inserções nas páginas da Revista, uma vez que sendo efemérides e homenagens, tornava-se mais difícil para os censores descortinarem o conteúdo subversivo que os artigos e os ensaios continham, por força do tom vivo e polémico que os seus autores revelavam.

Apesar destes condicionalismos, a Revista manteve as suas rubricas habituais de crítica: a literária com Irene Lisboa, Álvaro Salema, Armando Ventura Ferreira, João Pedro de Andrade, Joel Serrão, Mário Sacramento, entre outros, a cinematográfica com Manuel de Azevedo, José Augusto França e Roberto Nobre, a teatral com João Pedro de Andrade e Jorge de Sena, a musical com Fernando Lopes Graça, Humberto d'Ávila e João José Cochofel e as artes plásticas com Manuel Mendes, Adriano de Gusmão, José Augusto França e José Ernesto de Sousa.

Conclui-se que, neste período, pelas razões políticas e doutrinárias já apontadas, a *Seara Nova* optou, em termos de conteúdos, por temáticas culturais em detrimento de uma acção política e doutrinária como foi seu timbre em períodos anteriores.

4.3 Dissensões internas em vésperas de novas mudanças

A insatisfação pela inércia da *Seara Nova*, que se agudizava cada vez mais e que se centrava na pessoa do seu director, Câmara Reis, levou a que se intensificasse a oposição à sua direcção e administração, no seio da Revista.

Em sua defesa, o próprio Câmara Reis, no artigo “Na festa do nº 1000 da *Seara Nova*”, afirma que “se a *Seara* tivesse sido administrada com prudência, há muito teria deixado de existir, ou de ter uma razão de existir”, numa clara alusão a estratégias comerciais, como “a publicidade deprimente” e a conteúdos duvidosos com o único objectivo de sobreviver (REIS, 1946: 226).

No entanto, Manuel Sertório, director-adjunto e editor da Revista durante o ano de 1958, atribuiu a continuidade da *Seara* justamente à presença de Câmara Reis à frente dos destinos da Revista⁸⁰, muito embora afirmasse que existia uma promiscuidade entre as finanças pessoais de Reis e as finanças da *Seara*, estabelecendo um paralelismo com outras eras: “Mas como acontecia em épocas medievais com o erário régio e o da nação, assim sucedia então com as *finanças* da ‘Seara’ e as de Câmara Reis: a confusão entre elas era absoluta” (SERTÓRIO, 1971: 19).

O que é certo é que a Revista viveu momentos muito difíceis e pensava-se no afastamento de Câmara Reis. O ano de 1953 tinha sido desastroso, publicara-se somente sete fascículos, e David Ferreira, que ocupava um lugar central na redacção, em carta a Jaime Cortesão, citada por Daniel Pires, dá conta do seu desalento da seguinte forma: “Em seguida à publicação do próximo número, a que já me referi, deverá finalmente transitar para a nossa posse a administração da Revista; o seu ficheiro e tudo o mais que lhe diz respeito. Será então o momento oportuno de tentar angariar mais algum dinheiro com destino exclusivo para a Revista” (PIRES, 2000: 486).

O afastamento de Câmara Reis não chegou a concretizar-se e este aceitou que se nomeasse um director-adjunto; após sucessivos convites a personalidades ligadas à Revista, como Mário Azevedo Gomes, José Bacelar, João Pedro de Andrade, entre outros, Adão e Silva acaba por tomar posse no início do ano de 1956.

Outros focos de conflito surgiram na sequência da formação de novos grupos que se opunham entre si como o de Câmara Reis, colaboradores mais jovens e até elementos

⁸⁰ Atribui-se à esposa de Câmara Reis, Emma da Câmara Reis, detentora de fortuna pessoal, a cobertura dos défices e os fundos de maneo da revista.

estranhos à *Seara* e o grupo de Mário Azevedo Gomes e Jaime Cortesão, conhecido pelos Mandarins. As reuniões políticas na sede da Revista, em torno das legislativas de Novembro de 1957 e, seguidamente, para a escolha do candidato presidencial, seriam a causa de tais conflitos.

Em meados de 1958, Azevedo Gomes e o seu grupo abandonam a Revista na sequência da recusa de Câmara Reis se afastar da administração da empresa e, em Janeiro de 1958, a direcção da Revista comporta somente o nome de Câmara Reis e o de Manuel Sertório, entretanto nomeado para director-adjunto e editor da *Seara Nova*, que vai iniciar uma nova fase (a 3.^a, segundo sua análise)⁸¹, em Janeiro de 1959, com novo grafismo e novos colaboradores.

⁸¹ Segundo Manuel Sertório, o 1.º período de vida da *Seara* prolonga-se até meados de 1945 e caracteriza-se pelo republicanismo anti-integralista de Raul Proença e pelo cartesianismo idealista de António Sérgio, período do discurso ideológico por excelência; o 2.º período corresponde ao discurso laudatório e reclamante da liberdade e da unidade antifascista que vai de Outubro de 1945 até finais de 1958.

CONCLUSÃO

O significativo papel que a *Seara Nova* representou pareceu-nos ser uma opção para o desafio deste trabalho e justificação para a abordagem que fizemos do universo das tendências evolutivas, conceptuais e estratégicas evidenciadas nos seus múltiplos artigos e pela postura activa de todos quantos neles colaboraram e se envolveram.

Fazer a avaliação do que foi a *Seara Nova*, no âmbito cronológico definido, a década de 40 e 50, transportou-nos para uma realidade repleta de acontecimentos que iriam alterar o curso do mundo, em geral, e de Portugal, em particular.

Cabe, no entanto, deixar aqui uma nota. Dentro do enquadramento abordado é evidente que muitas outras questões ficaram por analisar, mas procurou-se, acima de tudo, desenvolver as que nos pareceram mais pertinentes tendo em conta o défice de estudos sobre a *Seara* no período em apreço.

As questões centrais que colocamos como ponto de partida para o nosso estudo, ora se tornaram nebulosas, ora se deslindavam com limpidez, face à acção multimoda e ecléctica da Revista. Traçar uma ideologia filosófica e política caracterizadora de uma publicação, nos anos em apreço, num país amordaçado pela Ditadura com os seus aparelhos repressivos, limitadores das liberdades, de expressão e opinião, que conduziu muitos dos homens que viviam da escrita nos jornais e revistas a usarem de estratégias para fintar a censura, cerceando o pensamento e desvirtuando objectivos, pareceu-nos desafio bastante.

Se a *Seara* do Raul Proença e do António Sérgio conseguiu fazer passar as ideologias que preconizava, devido ao regime de liberdade, no caso do primeiro e, na fase de instauração e afirmação do Estado Novo, no caso do segundo, no período subsequente era muito difícil manter uma publicação opositora ao regime.

Os homens da *Seara*, nascidos entre o último quartel do século XIX e o primeiro do século XX, face às convulsões sociais e políticas que o país atravessava, idealizaram soluções para os males que o afligia, apostando na mudança de mentalidades das elites, no aparecimento de uma opinião pública que assimilasse as suas ideias, constituindo os *seareiros* um dos principais movimentos culturais do século XX, juntamente com os *presencistas* e, como tinha já sido, a *Renascença Portuguesa*.

A partir dos anos 1940, o paradigma de intelectual, que já vinha sofrendo alterações desde a década passada, altera-se, assume-se mais vocacionado para a acção, atento ao mundo em seu redor, procurando denunciar as injustiças cometidas pelos políticos. Assim, como vimos, foi o movimento neo-realista que através das artes em geral e da literatura em particular abriu caminho à oposição às políticas governamentais.

Ficou provado que *A Seara Nova* acolheu as ideias dos neo-realistas. Foram vários os escritores que viram as suas obras recenseadas pelos críticos da Revista e, ao mostrarem-se equidistantes da ideologia que enformou o movimento, provocaram polémicas com as considerações que teceram sobre a teorização ideológica e sobre as próprias obras que vinham a lume.

A polémica entre Mário Dionísio e João Pedro de Andrade (1943) foi, talvez, o momento mais crítico para a *Seara*, e colocou em confronto duas concepções filosóficas que, de certa forma, podiam comprometer o ideário da Revista, agora sem a figura tutelar de António Sérgio. Assim, procurava um rumo que, sem abalar os seus princípios gerais, a colocasse, novamente, entre as principais revistas da época.

Idealismo e materialismo eram os dois campos onde se esgrimiam as ideias polarizadoras que tentavam impor-se no xadrez filosófico e ideológico. Os *seareiros* tinham plena consciência da atracção exercida pelos neo-realistas, mas nunca se assumiram como órgão oficial do movimento, mais por razões de identidade do que por aversão às suas doutrinas, como se depreende das palavras de António Rafael Amaro: “a atitude da *Seara Nova*, na sociedade portuguesa, longe de ser superada, acabou por marcar em muito o Novo Humanismo que pretendeu ser o marxismo, apesar dos pressupostos ideológicos em que assentou” (AMARO, 1996: 156).

Conclui-se que a *Seara*, a partir dos anos 40, permitiu que uma geração mais nova, se distanciasse da doutrinação que assentava no modelo cultural, ideológico e político da geração de 70, idealista e utópica, e abraçasse outras ideologias, igualmente de esquerda, mas mais actuates, como a ideologia neo-realista, sem, contudo, alterar a sua matriz.

Na Revista, intelectuais como Lopes Graça, Rodrigues Lapa, Joel Serrão, Manuel Mendes, Alberto Candeias, Piteira Santos, Mário Dionísio e outros perfilhavam os ideais marxistas, sem se constituírem orgânicos no seio do Partido Comunista, acabando quase todos eles por se desfiliarem.

As reflexões que fizemos do nosso estudo levam-nos a admitir que a *Seara Nova* manteve uma coesão ideológica próxima dos valores que sempre defendeu, por razões

que se prendem com a persistência de alguns dos seus elementos, liderados por Câmara Reis, e que se traduziram, na oposição ao regime salazarista, na promoção das liberdades cívicas, na defesa do valor da educação, na produção intelectual e na diversidade das temáticas, baseadas em pressupostos que tendiam a conduzir a sociedade portuguesa para a sua democratização, numa visão socialista, laica, de promoção da cultura popular, da opinião pública e da cidadania.

Na nossa análise procurámos destacar o que nos pareceu ser a intencionalidade do Grupo – transmitir estes ideais republicanos. Por isso seleccionámos artigos que defendem o papel dos intelectuais, com responsabilidades na renovação e na modernização do país, bem como a sua relação com a política; os que demonstram a função da ciência como geradora do progresso e como elemento democratizante e outros, ainda, que referem o papel da literatura e das artes como veículos ideológicos e estéticos, todos eles representando o ecletismo das várias tendências e opiniões.

As efemérides e homenagens a figuras comprometidas com o republicanismo, na sua feição progressista de esquerda, bem como numerosos artigos e ensaios sobre esta temática, foram a fórmula encontrada para levar a acção pedagógica e cultural a toda a população, apesar do elevado grau de analfabetismo.

A *Seara Nova*, na sua acção multimoda, tentou agradar a vários públicos que a tinham como referência cultural, cívica, defensora dos ideais democráticos, socialistas, que acreditava ter influência na formação de uma opinião pública, procurando converter o pessimismo e contrariar a decadência da nação.

A defesa destes princípios não foi abalada por motivações ou interesses pessoais que, por vezes, geraram fricções. Apesar das divergências ideológicas e das polémicas frequentes na imprensa da época, a *Seara Nova* manteve um ecletismo cultural que se tornou atractivo para os seus leitores, procurando distanciar-se de dogmatismos, sempre redutores da liberdade de pensamento.

O cosmopolitismo, o universalismo, a defesa de valores que dignificam o Homem, a condenação de todas as práticas obscurantistas e violentas, estiveram sempre presentes nos desígnios dos *seareiros*, mesmo em tempo de ditadura, não se coibindo homens da estirpe de Raul Proença, António Sérgio, Câmara Reis, Adolfo Casais Monteiro, Jaime Cortesão e tantos outros de exporem os seus pontos de vista de forma apaixonada, por vezes virulenta, na ânsia de contribuírem, apesar de desânimos pontuais, para a democracia e, com ela, para o bem-estar social.

Sabemos que o seu programa inicial apontava para a reforma das mentalidades com vista a formar elites capazes de orientar a nação nos seus múltiplos aspectos, mas devido ao idealismo que depositavam nessa tarefa, foram confrontados com outras doutrinas e correntes de pensamento, por vezes de difícil conciliação, que se foram firmando no panorama nacional, como o *integralismo lusitano*, o *presencismo* e o *neo-realismo*.

Com a saída de António Sérgio, em 1939, a *Seara Nova* congregou no seu seio colaboradores e redactores com sensibilidades ideológicas diferentes que, de certa forma, a distanciou das posições inicialmente tomadas pelos fundadores, fundamentalmente o apartidarismo, mas que a nosso ver se prendem com problemáticas conjunturais que exigiam maior acção.

Assim, numa postura ecléctica a *Seara* consentiu que, principalmente na década de 40, as suas páginas contivessem matérias relacionadas com actividades políticas consentâneas com a abertura que a conjuntura do final da 2.^a guerra proporcionou.

Mas, o mais importante é que o *espírito seareiro* manteve, como possível, o ideal de todos os intelectuais, republicanos, homens confiantes de pensamento e acção que se pautavam pelo princípio de apostolado ao serviço dos ideais democráticos e que conseguiram, de forma meritória, resistir e sobreviver ao Estado Novo.

António Sérgio, para quem a cultura era um bem primordial, defendeu como fundamental a grandeza mental e a coerência intelectual, no sentido de tornar *real o ideal* e o *dever ser em ser*.

Foram homens de esperança e de perseverança que acreditaram que a razão, o compromisso e a força das ideias junto da opinião pública ajudaria a sustentar e a melhorar a Democracia.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES HEMEROGRÁFICAS

Seara Nova. Lisboa: 1940 – 1958

Vértice. Coimbra: 1942

O Diabo. Lisboa: 1934 - 1940

Sol Nascente. Porto: 1937 - 1940

OUTRAS FONTES

ALMEIDA, António Ramos de, 1945 – *A Arte e Vida*. Porto: Latina Editora.

ALMEIDA, António Ramos, 1940 – “Notas para o Neo-Realismo”, *O Diabo* n.º 313, 21 de Setembro de 1940, Lisboa, p. 2.

ANDRADE, João Pedro, 1942 – *O Problema do Romance Português Contemporâneo*. Lisboa: Seara Nova.

ANDRADE, João Pedro, 1943 – *A Poesia da Moderníssima Geração*. Porto: Latina.

ANDRADE, João Pedro, 1943 – “Arrumação Duma Ficha”. *Seara Nova*, n.º 834, p. 285-286.

ANDRADE, João Pedro, 1943 – “Arrumação Duma Ficha”. *Seara Nova*, n.º 836, p. 314-317.

ÁVILA, Humberto D’, 1954 – “No Centenário do Nascimento do Grande Tenor António de Andrade”. *Seara Nova*, n.º 1291/1292, p. 73-74.

BACELAR, José. 1948 – *Razão e Absoluto*. Lisboa: Seara Nova.

BACELAR, José, 1939 – *Polémica e Abstenção*. Lisboa: Seara Nova.

BEIRES, J. Sarmiento de, 1971 – “Presença do passado”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 3-5.

CAMPOS, Álvaro Marinha de, 1947 – “Profissão de Fé”. *Seara Nova*, n.º 1031, p. 1-3.

CARAÇA, Bento de Jesus, 1939 – *A Cultura Integral do Indivíduo – Problema Central do Nosso Tempo*. Lisboa: Seara Nova.

CIDADE, Hernâni, 1946 – “A «Seara Nova» Contribuição atrasada para a sua história”. *Seara Nova*, n.º 1000/1007, p. 179-180.

- COSTA, Emílio, 1951 – “Traços de União e de Separação”. *Seara Nova*, n.º 1238-1239, p. 635-636.
- CUNHAL, Álvaro, 1940 – “Ricochete”. *O Diabo*, n.º 288, 30 de Março de 1940, Lisboa, p. 1-6.
- DINIZ, Alves, 1946 – “A República e a ‘Seara Nova’”. *Seara Nova*, n.º 1000/1007, p. 141-142.
- DINIZ, Alves, 1946 – “Raul Proença”. *Seara Nova*, n.º 1000/1007, p. 143-145.
- DIONÍSIO, Mário, 1943 – “Ficha 13”. *Seara Nova*, n.º 832, p. 249-252.
- DIONÍSIO, Mário, 1943 – “Ficha 13A”. *Seara Nova*, n.º 833, p. 267-270.
- DIONÍSIO, Mário, 1944 – *Ficha 14*. Lisboa: edição do autor.
- DIONÍSIO, Mário, 1971 – “Que significa para mim a Seara Nova?”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 14.
- DIONÍSIO, Sant’Anna, 1949 – “Resposta a duas Cartas”. *Seara Nova*, n.º 1122, p. 21-23.
- FERREIRA, David, 1946 – “A acção política da «Seara Nova»”. *Seara Nova*, n.º 1000/1007, p. 209-214.
- FERREIRA, David, 1971 – “Razões de uma adesão”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 8.
- FERREIRA, José Gomes, 1971 – “Algumas páginas de um Diário”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 9-10.
- GRAÇA, Fernando Lopes, 1971 – “Formação de um verdadeiro espírito democrático”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 11.
- GRÁCIO, Rui, 1946 – “Nostra culpa, nostra máxima culpa”. *Seara Nova*, n.º 1009, p. 241-243.
- GUSMÃO, Adriano, 1943 – “Uma oportuna entrevista sobre arte”. *Seara Nova*, n.º 842, p. 94-95.
- LAPA, M. Rodrigues, 1944 – “Carta a um amigo, a propósito de uma colaboração”. *Seara Nova*, n.º 880, p. 115.
- LAPA, M. Rodrigues, 1946 – “O Muito Falado e Inexistente Programa da «Seara Nova»”. *Seara Nova*, n.º 1000/1007, p. 81-83.
- LAPA, M. Rodrigues, 1971 – “Revertendo às origens”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 6-7.
- MAIA, Violante Canto da, 1947 – “As tendências da literatura contemporânea em França”. *Seara Nova*, n.º 1035, p. 65-68.
- MONTEIRO, Adolfo Casais, 1940 – *Sobre o Romance Contemporâneo*. Lisboa: Inquérito

- NAMORADO, Joaquim, 1966 – “Da dissidência presencista ao neo-realismo”. *Vértice*, n.º 279, vol. XXVI. Coimbra, p. 782-786.
- NAMORADO, Joaquim, 1966 – “Sobre a projecção em Portugal da obra de Romain Rolland”. *Vértice*, n.º 276, vol. XXVI. Coimbra, p. 594-600.
- NOGUEIRA, Jofre Amaral, 1938 – “O Papel duma Nova Geração”. *Sol Nascente*, n.º 28, 15 de Abril de 1938, Porto, p. 6-7.
- PIMENTEL, Sarmiento, 1971 – “Acima dos programas dos partidos”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 1-3.
- REIS, Câmara, 1943 – “As questões morais na literatura – Raúl Proença”. vol. VI. Lisboa: *Seara Nova*, p.157-176.
- REIS, Câmara, 1946 – “Na festa do n.º 1000 da «Seara Nova»”. *Seara Nova*, n.º 1008, p. 225-226.
- REIS, Câmara, 1949 – “Breve Explicação”. *Seara Nova*, n.º 1144/1145, p. 265.
- RODRIGUES, Armindo, 1948 – “Uma psicofilosofia da confusão”. *Seara Nova*, n.º 1074, p. 97-101.
- SALEMA, Álvaro, 1949 – “Goethe Um Génio Universal”. *Seara Nova*, n.º 1129, p. 126-128.
- SALEMA, Álvaro, 1971 – “Evocação breve (e talvez supérflua)”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 12-13.
- SANTOS, Fernando Piteira, 1971 – “Bilhete de parabéns em papel de tornassol”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 15-17.
- SANTOS, Fernando Piteira, 1949 – “A lição de Raul Proença e uma atitude de Antero Quental”. *Seara Nova*, n.º 1120, p. 127-128.
- SANTOS, Fernando Piteira, 1958 – “Metendo a Foice em Seara Alheia”. *Seara Nova*, n.º 1347-1348, p. 263-264.
- SANTOS, Fernando Piteira e MENDES, Manuel, 1949 – “Duas Cartas”. *Seara Nova*, n.º 1120, p. 276-279.
- SANTOS, Fernando Piteira e MENDES, Manuel, 1949 – “Dois Documentos”. *Seara Nova*, n.º 1127, p. 95-102.
- SANTOS, José Ribeiro dos, 1946 – “O Intelectual e a Rua”. *Seara Nova*, n.º 1000/1007, p. 151.
- SÉRGIO, António, 1947 – “O Apóstolo Cívico”. *Seara Nova*, n.º 1016/1017, p. 35-38.
- SÉRGIO, António, 1956 – “A Cultura Portuguesa”. *Seara Nova*, n.º 1319-1320, p. 62 e 65.

- SERRÃO, Joel, 1971 – “Aproximação do pensamento de Raul Proença”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 23-28.
- SERRÃO, Joel, 1947 – “Em busca da superação de «contradições dialécticas»: problemas, dúvidas e perguntas”. *Seara Nova*, n.º 1054, p. 86-90
- SERTÓRIO, Manuel, 1971 – “Seara igual, espigas várias”. *Seara Nova*, n.º 1512, suplemento dos 50 anos, p. 18-22.
- SOARES, Rodrigo, 1947 – *Por um Novo Humanismo*. Porto: Livraria Portugália.
- SOARES, Rodrigo, 1940 – “Flechas”. *O Diabo*, n.º 314, 28 de Setembro de 1940, Lisboa, p. 6.
- SOARES, Rodrigo, 1940 – “Experiência directa da vida e estreiteza de horizontes”. *O Diabo*, n.º 320, 9 de Novembro de 1940, Lisboa, p. 1 e 5.
- VIEIRA, Luís, 1939 – “Comentário a propósito das ‘páginas de política’ (2.ª série) de Raul Proença”. *Sol Nascente*, n.º 38, de 15 de Agosto, Porto, p. 2 e 5.
- VILELA, A. Lobo, 1946 – “A Política da ‘Seara Nova’”. *Seara Nova*, n.º 1000/1007, p. 157-160.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Jorge Fernandes, 1998 – *O Furacão Delgado e a Ressaca Eleitoral de 1958 no Porto*. CLC-FLUP.
- AMARO, António Rafael, 1995 – *A Seara Nova nos anos vinte e trinta (1921-1939): memória, cultura e poder*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa.
- AMARO, António Rafael, 1995 – “A Seara Nova e a resistência cultural e ideológica à ditadura e ao Estado Novo (1926-1939)”. *Revista de História das Ideias*, n.º.17, Coimbra, p. 411-438.
- AMARO, Luís, 1974 – “Lembrança de João Pedro de Andrade”. *Colóquio/Letras*, n.º 18, Março de 1974, p. 94-95.
- ANDRADE, João Pedro, 1997 – “Neo-Realismo” in *Dicionário de Literatura*, dir. Jacinto Prado Coelho, 3.º volume. Porto: Figueirinhas, p. 725-728.
- ANDRADE, João Pedro, 1997 – “Seara Nova” in *Dicionário de Literatura*, dir. Jacinto Prado Coelho, 4.º volume. Porto: Figueirinhas, p. 64-65.

- ANDRADE, João Pedro, 2002 – *Ambição e Limites do Neo-Realismo Português*. Lisboa: Acontecimento.
- ANDRADE, Luís Crespo, 2003 – “Introdução Quatro Notas Breves”. *Revista Ideias e Doutrinas*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 11-18.
- AZEVEDO, Cândido, 1999 – *A Censura de Salazar e Marcelo Caetano*. Lisboa: Editorial Caminho.
- BAPTISTA, Jacinto, 1985 – “A Seara Nova, Raul Proença e António Sérgio” in *História Contemporânea de Portugal*, dir. João Medina, vol.2, “ Da conspiração republicana ao fim do regime parlamentar “. Lisboa: Amigos do Livro, p. 27-33.
- BARBUSSE, Henri, 1931 – *Rússia*. Coimbra: Instituto de Estudos Livres.
- BARREIRA, Cecília, 1997 – “O ideário Seareiro” in *Salazarismo e outros ismos*. Lisboa: Universitária Editora, p. 83-88.
- BARREIRA, Cecília, 1983 – *Sondagens em torno da cultura e das ideologias em Portugal, séculos XIX e XX*. Lisboa: Editorial Polernos.
- BARRETO, António e MÓNICA, Maria Filomena (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, suplemento, vol.VII, 1999, vol.VIII, 1999, vol. IX, 2000. Porto: Figueirinhas.
- BARRETO, José, 1999 – “Censura” in *Dicionário de História de Portugal*, coord. António Barreto e Maria Filomena Mónica, vol. VII. Porto: Figueirinhas, p. 275-284.
- BENDA, Julien, 1975 – *La trahison des clercs*. Paris: Grasset.
- BURKE, Peter, 1992 – *O Mundo Como Teatro – Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel.
- BOUDON, Raymond, 2005 – *Os intelectuais e o liberalismo*. Lisboa: Gradiva.
- BRULLER, Jean, 1959 – *O Silêncio do Mar*. Coleção Centauro. Coimbra: Atlântida.
- CAETANO, Marcello, 2006 – *Minhas Memórias de Salazar*. Lisboa: Verbo.
- CARAÇA, João, 1999 – “Ciência e Investigação” in *Dicionário de História de Portugal*, coord. António Barreto e Maria Filomena Mónica, vol. VII. Porto: Figueirinhas, p. 317-319.
- CARDIA, Sottomayor, 1990 – *Seara Nova – Antologia*. Coleção Testemunhos Contemporâneos, n.º 12. Lisboa: Alfa.
- CASTRO, E. M. de Melo e, 1987 – *As Vanguardas na Poesia Portuguesa do Século Vinte*, 2.ª edição, vol. 52. Lisboa: Biblioteca Breve.
- CATROGA, Fernando, 1983 – “Dialogar com António Sérgio”. *Revista de História das Ideias*, n.º 5, Coimbra, p. 7-19.

- CATROGA, Fernando, 1995 – “Prefácio” in *A Seara Nova nos anos vinte e trinta (1921-1939): memória, cultura e poder*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa.
- COELHO, Eduardo, 1950 – *Goethe e o Conceito Humano da Vida*. Lisboa: Editorial Império.
- CRUZ, Manuel Braga da, 1983 – “A Oposição Eleitoral ao Salazarismo”. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, n.º 5, p. 701-781.
- DIAS, Augusto da Costa, 1975 – *Literatura e luta de classes – Soeiro Pereira Gomes*. Lisboa: Editorial Estampa.
- DIAS, Luís Augusto Costa, 2002 – *Uma Anti-Seara em «Seara Nova»*. Coimbra: CEIS20.
- DIONÍSIO, Eduarda, 1985 – “A vida cultural durante a república”. in *História contemporânea de Portugal*, dir. João Medina, vol.2, “Da conspiração republicana ao fim do regime parlamentar”. Lisboa: Amigos do Livro, p. 9-19.
- DIONÍSIO, Sant’Anna, 1953 – *O Poeta, essa Ave Metafísica*. Lisboa: Seara Nova.
- FERNANDES, Maria Luísa Garcia (coord.), 1998 – *Seara Nova: Textos e contextos - Razão-Democracia-Europa*. Matosinhos: Casa Museu Abel Salazar e Câmara Municipal de Matosinhos.
- FERNANDES, Maria Luísa Garcia (coord.), 2002 – *Seara Nova: Textos e contextos - Razão-Democracia-Europa*. Porto: Campo das Letras.
- FERNANDES, Rogério, 2003 – “A Seara Nova e a Primeira República”. *Revistas Ideias e Doutrinas*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 83-91.
- FERREIRA, David, 1985 – “O chamado Grupo da Biblioteca”. in *Jaime Cortesão. Raúl Proença – Catálogo da Exposição comemorativa do Primeiro Centenário (1884-1984)*. dir. Jacinto Baptista. Lisboa: Biblioteca Nacional, p. 305-313.
- FERREIRA, David, 1971 – “Seara Nova”. in *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. III/ME-SIN. Lisboa: Iniciativas Editoriais, p. 805-810.
- FERREIRA, José Gomes, 1965 – *A Memórias das Palavras ou o gosto de falar de mim*. Lisboa: Portugália.
- FERREIRA, José Gomes, 1990 – *O Mundo dos Outros: Histórias e Vagabundagens*. 8.^a edição. Lisboa: Dom Quixote.
- FRANÇA, José Augusto, 1955 – “Mil – Novecentos – E – Cinquenta”. *Tetracórnio*, Fevereiro de 1955, p. 61 a 72.
- FRANÇA, José Augusto, 1980 – *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX (1910-1980)*, 2.^a edição. Lisboa: Livros Horizonte.

- GONÇALVES, António Custódio, 1992 – *Questões de Antropologia Social e Cultural*. Porto: Edições Afrontamento.
- GONÇALVES, Rui Mário, 1998 – *A Arte Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- GUIMARÃES, Fernando, 1981 – *A Poesia da Presença e o aparecimento do Neo-realismo*. Porto: Brasília Editora.
- LAPA, M. Rodrigues, 1939 – *Correspondência de Rodrigues Lapa*. coord. Maria Alegria Marques e tal. Coimbra: Minerva, p. 93.
- LISBOA, Eugénio, 1986 – *Poesia Portuguesa: do «Orpheu» ao Neo-Realismo*. 2.^a edição, vol. 55. Lisboa: Biblioteca Breve.
- LISBOA, Eugénio, 1992 – *José Régio – Uma Literatura Viva*. 2.^a edição, vol. 22. Lisboa: Biblioteca Breve.
- LISBOA, Eugénio, 1984 – *O Segundo Modernismo em Portugal*, 2.^a edição, vol. 9. Lisboa: Biblioteca Breve.
- LOPES, João Marques, 2004 – “A Arte e a Vida – As Dissidências Internas do Neo-Realismo Nos Anos 50”. in *Factos Desconhecidos da História de Portugal*, coord. António Simões do Paço. Lisboa: Selecções do Reader’s Digest, p. 308-317.
- LOURENÇO, Eduardo, 1988 – *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- LYOTARD, Jean-François, s/d – *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva.
- MADEIRA, João, 1996 – *Os engenheiros de almas: o Partido Comunista e os intelectuais*. Lisboa: Estampa.
- MARNOTO, Isabel, 1983 – “António Sérgio: Claridades e Sombras”. *Revista de História das Ideias*, n.º 5. Coimbra, p. 119-146.
- MARQUES, A. H. de, 1975 – *A Primeira República Portuguesa (Alguns Aspectos Estruturais)*. 2.^a edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- MARQUES, Maria Alegria, e tal (sel., org., int.), 1997 – *Correspondência de Rodrigues Lapa*. Coimbra: Minerva.
- MARTELO, Rosa Maria, 1998 – *Carlos de Oliveira e a referência em poesia*. Porto: Campo das Letras.
- MEDINA, João, 1978 – *O pelicano e a Seara : integralistas e seareiros juntos na revista Homens livres*. Lisboa: António Ramos.
- MIGUÉIS, José Rodrigues, 1985 – “Uma flor na campã de Raul Proença”. in *Jaime Cortesão. Raúl Proença – Catálogo da Exposição comemorativa do Primeiro Centenário (1884-1984)*. dir. Jacinto Baptista. Lisboa: Biblioteca Nacional, p. 302-304.

- MIGUÉIS, José Rodrigues, 1986 – *Idealista no mundo real*. Lisboa: Estampa.
- MORIN, Edgar, 1991 – *Os Problemas do fim do século*. Lisboa: Editorial Notícias.
- MORIN, Edgar, 1997 – *As Grandes Questões Do Nosso Tempo*. Lisboa: Editorial Notícias.
- NUNES, João Paulo Avelãs, 1994 – “1926-1974”. in *História de Portugal em datas*, dir. António Simões Rodrigues. Lisboa: Círculo de Leitores, p.305-383.
- NUNES, João Paulo Avelãs, 1996 – “A II Guerra Mundial (1939-1945) ”. in *História Comparada – Portugal – Europa e o Mundo*, dir. António Simões Rodrigues, vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 355-393.
- NUNES, João Paulo Avelãs, 1996 – “O pós-guerra (1946-1995) ”. in *História Comparada – Portugal – Europa e o Mundo*, dir. António Simões Rodrigues, vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 395-442.
- Ó, Jorge Ramos do, 1992 – “Salazarismo e Cultura”. in *Nova História de Portugal*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, vol. XII, “Portugal e o Estado Novo (1930-1960) ”. Lisboa: Editorial Presença, p. 391-454.
- OLIVEIRA, César, 1996 – “A aparente quietude dos anos 50”. in *Portugal Contemporâneo*, dir. António Reis, vol. 2, “Da fragilidade do Estado Republicano à ascensão e consolidação do Estado Novo. A economia entre o desenvolvimento e a estagnação. Dos valores democráticos ao controle ideológico e cultural (1910-1958) ”. Lisboa: Alfa, p. 459-464.
- PEREIRA, Arnaldo António, 1982 – “Spengler e Hitler”. in *O Fascismo em Portugal – Actas de Colóquio da Faculdade de Letras em Março de 1980*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- PIRES, Daniel, 2000 – *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX*. Vol. 2, 2.º tomo. Lisboa: Grifo, p.430-535.
- PIRES, Daniel, 1988 – *Raúl Proença – Polémicas* . Lisboa: D.Quixote.
- PITA, António Pedro, 2002 – *Conflito e unidade no neo-realismo português*. Porto: Campo das Letras.
- PITA, António Pedro, 1983 – “Duas faces da Razão”. *Revista de História das Ideias*, n.º 5. Coimbra, p. 147-165.
- POPPER, Karl, 1992 – *Em busca de um mundo melhor*. 3.ª edição. Lisboa: Editorial Fragmentos.
- RABY, David L, 1984 – “O MUNAF, o PCP e o problema da estratégia revolucionária da Oposição, 1942-47”. *Análise Social*. Lisboa, n.º 84, p. 687-699.

- RABY, Dawn Linda, 1988 – *A Resistência Antifascista em Portugal (1941/1974)*. Lisboa: Salamandra.
- RAMOS, Rui, 1994 – “A Segunda Fundação”. in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, vol. VI. Lisboa: Círculo de Leitores.
- RAMOS, Rui, 1992 – “A formação da intelligentsia portuguesa (1860-1880). *Análise Social*, vol. XXVII (116-117) p. 483-528.
- RAMOS, Rui, 1999 – “Intelectuais e Estado Novo”. in *Diccionario de História de Portugal*, suplementam vol. VIII (F/O). Porto: Figueirinhas, p.281-289.
- RÉGIO, José, 1945 – *Uma Gota de Sangue*. Lisboa: Inquérito.
- REIS, António, 2003 – “Seara Nova: Os anos da República”. *Revistas Ideias e Doutrinas*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 61-81.
- REIS, António, 1996 – “Seara Nova”. in *Diccionario de História do Estado Novo*, dir. Fernando Rosas e J.M. Brandão Brito, vol. II (M-Z). Lisboa: Círculo de Leitores, p. 890-893.
- REIS, António, 1996 – “Os valores Salazaristas”. in *Portugal Contemporâneo*, dir. António Reis, vol. 2, “Da fragilidade do Estado Republicano à ascensão e consolidação do Estado Novo. A economia entre o desenvolvimento e a estagnação. Dos valores democráticos ao controlo ideológico e cultural (1910-1958) ”. Lisboa: Alfa, p. 717-722.
- REIS, António, 1996 – “Introdução”. in *Portugal Contemporâneo*, dir. António Reis, vol. 2, “Da fragilidade do Estado Republicano à ascensão e consolidação do Estado Novo. A economia entre o desenvolvimento e a estagnação. Dos valores democráticos ao controlo ideológico e cultural (1910-1958) ”.Lisboa: Alfa, p. 391-394.
- REIS, Carlos, 1983 – *O discurso ideológico do neo-realismo Português*. Coimbra: Almedina.
- REIS, Carlos, 1996 – “A produção cultural entre a norma e a ruptura” in *Portugal Contemporâneo*, dir. António Reis, vol.2, “Da fragilidade do Estado Republicano à ascensão e consolidação do Estado Novo. A economia entre o desenvolvimento e a estagnação. Dos valores democráticos ao controle ideológico e cultural (1910-1958) ”. Lisboa: Alfa, p. 585-654.
- RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François, 1998 – *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa.
- ROCHA, Clara, 1985 – *Revistas Literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: INCM.

- RODRIGUES, Graça Almeida, 1980 – *Breve História da Censura em Portugal*. vol. 54. Lisboa: Biblioteca Breve.
- ROSAS, Fernando, 1994 – “O Estado Novo (1926-1974)”. in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, vol. VII. Lisboa: Círculo de Leitores.
- ROSAS, Fernando, 1996 – “Os anos da guerra e a primeira crise do regime”. in *Portugal Contemporâneo*, dir. António Reis, vol. 2, “Da fragilidade do Estado Republicano à ascensão e consolidação do Estado Novo. A economia entre o desenvolvimento e a estagnação. Dos valores democráticos ao controle ideológico e cultural (1910-1958)”. Lisboa: Alfa, p. 417-458.
- ROSAS, Fernando, 1982 – “Putschismo e Oposição nos anos 40”. *História*, n.º50, Dezembro 1982. Lisboa: Projornal, p. 36-51.
- SACRAMENTO, Mário, 1975 – *Diário*. Porto: Limiar.
- SACRAMENTO, Mário, 1967 – *Fernando Namora*. Lisboa: Arcádia.
- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos, 1997 – *Para um novo perfil de Abel Salazar*. Porto: edição do autor.
- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos, 1990 – *A Renascença Portuguesa, um movimento cultural portuense*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar, 1978 – *História da Literatura Portuguesa*, 10.^a edição. Porto: Porto Editora.
- SARAIVA, António José, 2004 – *Crónicas: Entrevistas, críticas e outros escritos de António José Saraiva* (pesquisa de Maria José Saraiva). Matosinhos: Quidnovi.
- SENA, Jorge, 1955 – “Tentativa de um Panorama Coordenado da Literatura Portuguesa de 1901 a 1950”. *Tetracórnio*, Fevereiro de 1955, p. 1 a 26.
- SENA, Jorge de, 1984 – *O Reino da Estupidez*. Lisboa: Edições 70.
- SERRA, João B., 1986 – “Um Modelo de Análise Política do Sistema Liberal Republicano – Raul Proença na *Seara*, 1921-1931” *Ler História*, n.º 7. Lisboa: Salamandra, p. 47-73.
- SIMÕES, João Gaspar, 1946 – *Internato*. Porto: Editorial Ibérica.
- SOARES, Mário, 1974 – *Portugal Amordaçado, depoimento sobre os anos do fascismo*. Lisboa: Arcádia.
- TAINÉ, Hippolyte, 1940 – *Da Natureza e Produção da Obra de Arte*. Lisboa: Editorial Inquérito.

- TELLO, António José, 1999 – “Segunda Guerra Mundial”. in *Dicionário de História de Portugal*, coord. António Barreto e Maria Filomena Mónica, vol. VIII. Porto: Livraria Figueirinhas, p. 158-159.
- TENGARRINHA, José, 1994 – “Os caminhos da Unidade Democrática Contra o Estado Novo”. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, n.º 16, p. 387-431.
- TENGARRINHA, José, 2006 – *Imprensa e Opinião Pública em Portugal*. Coimbra: Minerva.
- TORGAL, Luís Reis, 1996 – “Sob o signo da «reconstrução nacional»”. in *História da História em Portugal*, sécs. XIX-XX, dir. Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 219-239.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, 1983 – *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*. 2.ª edição, vol. 10. Lisboa: Biblioteca Breve.
- VENTURA, António, 1998 – “ Os ilustradores da *Seara Nova*”. in *Seara Nova : Textos e contextos-Razão-Democracia-Europa*, coord. Maria Luísa Garcia Fernandes. Matosinhos: Casa Museu Abel Salazar e Câmara Municipal de Matosinhos, p.7.
- VENTURA, António, 2004 – “ *Estudos sobre História e Cultura Contemporânea de Portugal*”. Casal de Cambra: Caleidoscópio, p.176-185-190.
- VENTURA, António, 2003 – “O Marxismo em Portugal no século XX”. in *História do Pensamento Filosófico Português*, o século XX, tomo 2, dir. Pedro Calafate. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 195-220.
- VENTURA, António e PEDROSO, Alberto, 1977 – *Emílio Costa e o Sindicalismo: Da Formação Libertária à Casa Sindical*. Lisboa: Seara Nova.
- VIEIRA, Alexandre, 1950 – *Em volta da minha profissão*. Lisboa: Edição do autor.
- VILHENA, Vasco Magalhães, 1975 – *António Sérgio – O Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa*. Lisboa: Edições Cosmos.
- WINOCK, Michel, 2000 – *O Século dos Intelectuais*. Lisboa: Terramar.

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – “Nostra culpa, nostra máxima culpa”, de Rui Grácio, *Seara Nova*, n.º 1009, de 30 de Novembro de 1946.

ANEXO 2 – “Inquérito ao Livro em Portugal”, *Seara Nova*, n.º 829, de 03 de Julho de 1943.

ANEXO 3 – “Ficha 13”, de Mário Dionísio, *Seara Nova*, n.º 832, de 24 de Julho de 1943.

ANEXO 4 – “Ficha 13 – A”, de Mário Dionísio, *Seara Nova*, n.º 833, de 31 de Julho de 1943.

ANEXO 5 – “Arrumação duma Ficha”, de João Pedro de Andrade, *Seara Nova*, n.º 834, de 07 de Agosto de 1943.

ANEXO 6 – “Arrumação duma Ficha”, de João Pedro de Andrade, *Seara Nova*, n.º 836, de 21 de Agosto de 1943.

